

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
EDUCAÇÃO CONTINUADA (COGEAE) SEMIÓTICA PSICANALÍTICA –
CLÍNICA DA CULTURA

VINICIUS XAVIER

EM NOME DO PAI:
AS IGREJAS (NEO)PENTECOSTAIS COMO PALCO DE MANIFESTAÇÕES
HISTÓRICAS NO BRASIL ATUAL

São Paulo - SP

2023

VINICIUS XAVIER

EM NOME DO PAI:

**AS IGREJAS (NEO)PENTECOSTAIS COMO PALCO DE MANIFESTAÇÕES
HISTÓRICAS NO BRASIL ATUAL**

Pré-projeto de monografia apresentado como requisito básico para a apresentação do Trabalho de Conclusão do curso de Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura pela PUC-SP.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Messias

São Paulo - SP

2023

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 HISTE(Ó)RIA | 8 |
| 2.1 Antiguidade: o problema está no útero | 8 |
| 2.2 Idade média: a histeria é possessão demoníaca! | 11 |
| 2.3 Renascimento: a histeria é neurológica | 17 |
| 2.4 Modernidade: a hipnose cura | 19 |
| 2.5 Aqui nasce a psicanálise | 23 |
| 3 A ESTRUTURA DA IGREJA COMO METÁFORA PARA A ESTRUTURA DA HISTERIA | 30 |
| 3.1 O recalque sustenta o inconsciente. Usos e costumes dos fiéis como anteparo das pulsões | 31 |
| 3.2 O Nártex onde todos passam: Complexo de Édipo & Adão e Eva? | 36 |
| 3.3 O púlpito: tudo gira ao redor dele. O falo na histeria e o sentido do discurso neopentecostal | 39 |
| 3.4 À sua imagem e semelhança: a identificação enquanto sintoma na histeria e a organização da igreja | 43 |
| 3.5 A Santa Ceia: o rito do qual a histérica se reconcilia com a função paterna | 47 |
| 3.6 Um lugar para sentar-se: o sintoma como apoio ao desejo subjetivo | 51 |
| 4 DAS MANIFESTAÇÕES HISTÉRICAS | 55 |
| 4.1 O corpo tomado pelo inexplicável | 56 |
| 4.2 As fantasias e as experiências de outro mundo | 59 |
| 4.3 A metáfora nas pregações como um modo histórico de expressão subjetiva | 63 |
| 4.4 A performance do escolhido | 65 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| REFERÊNCIAS | 72 |

1 INTRODUÇÃO

O Brasil parece nunca ter carecido de fé, basta andar pelas periferias e os centros das capitais ou ligar qualquer aparelho de comunicação, bem como os programas de rádio e televisão e conteúdo na “*internet*” que anunciam nas paredes, *outdoors* e telas, mensagens bíblicas e menções a doutrina que mais cresceu no último século: os evangélicos, tanto os pentecostais representando a primeira onda do movimento doutrinário, como os neopentecostais e seus exuberantes edifícios.

A pergunta que fica diante dessa torrente gospel: seria este um sintoma da cultura? É desta perspectiva que me propus aproximar a histeria ao discurso religioso atual, percorrendo um caminho histórico e conceitual que a psicanálise pôde alcançar na compreensão do inominável, enigmático e perturbador dos sintomas e do advento do inconsciente, que, estruturado pela linguagem, ganha com a religião um arcabouço simbólico e humano, digno de estudos.

A religião quando centralizada na vida daqueles que encontram nela um sentido para prosseguir, uma proteção quando não há outra opção frente aos infortúnios da vida, ajuda seus adeptos a interpretar e suportar os dilemas da existência (TERRA, 2017, p. 274). Por esta razão, não cabe nenhum tipo de julgamento pejorativo quando há um sistema de crenças posto em análise, entretanto, o pensamento crítico, possibilita ampliar o sentido rígido de algumas doutrinas e propor novos caminhos ao que ainda não é conhecido, além de iluminar os fenômenos que às vezes ganham sentido sobrenatural.

Assim como fez Sigmund Freud, homem de natureza científica, sensível às questões da época em que viveu, quem teve a religião judaica como primeira base para interpretar o mundo, seu livro favorito quando criança era a bíblia, nos diz ele na autobiografia (cf., 2011, p. 78). Para o pai da psicanálise, toda religião constitui uma ilusão, e atua contra a própria responsabilidade do sujeito diante de seus desejos e habilidades inatas, “esta experiência religiosa reaviva no homem a dependência infantil” (FROMM, 1962, p. 17) sempre insistente, presente e atualizada – é isto que a histeria também aponta em seus sintomas quando manifestados diante do público, agora, também frequente nas Igrejas.

A fé num sistema de crenças ainda é essencial para o advento da cultura, num rápido passeio pela história é possível capturar elementos místicos e sobrenaturais de forte representação na formação sociocultural brasileira, escritores como o Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas*, pintores do período Barroco, como Mestre Ataíde com a obra

Assunção da Virgem, usaram deste arcabouço religioso como um caminho para ilustrar os sentimentos mais profundos dos homens num Brasil marcado pela pobreza e violência.

Agora são os evangélicos os representantes políticos e idealizados no entretenimento disposto pela indústria cultural brasileira. Eles regem seus preceitos livremente, e ganham a cada dia novos adeptos, prometendo o amor do Pai celestial, e uma vida potente diante o frágil. Muitos fiéis identificados com esta mensagem, demonstram com o corpo os sintomas, o infortúnio, a vaidade e o inefável das pulsões sexuais.

É deste enigmático mar profundo religioso que as histéricas carregadas de saberes místicos, teses científicas e artísticas emergem atualmente. A estrutura neurótica ainda serve de inspiração aos mestres, e causa naqueles que com certa sensibilidade podem enxergar o além do mostrado, o sobrenatural e o irracional – a verdade do inconsciente.

O caminho dos textos expostos abaixo, percorrem a história da histeria, para dizer que ela continua a existir atualmente longe dos hospitais psiquiátricos ou teatros de rua, ganhou outro sentido e novas explicações – um novo palco para a *performance* do mal-dito, tão caro às Igrejas.

Com a ajuda teórica fundamentada por alguns pesquisadores da sociologia, teologia e da psicanálise, aspiro contornar o que parece estar fora do sentido, e efervescentes na cultura, atreladas aos fenômenos enigmáticos das manifestações involuntárias do corpo, do modo em como estão dispostos nas pregações e na lógica que alicerça as estruturas dos usos e costumes pentecostais e neopentecostais, bem como se identificam e relacionam com o mundo.

Toda articulação de ideias está baseada em referências bibliográficas que apontam ao rastro do discurso neoliberal, dos sintomas e da presença massiva na mídia e política destes que desejam ser preenchidos pelo amor do Pai, o Todo-Poderoso.

As aplicações da teoria psicanalítica, visam sobretudo ajudar o leitor leigo a assimilá-la ao tema, a situar o problema conceitualmente, e não estabelecer uma verdade pura e absoluta, um diagnóstico do qual a histeria já está cheia pela psiquiatria. A única verdade alcançada até aqui, é de que elas, as histéricas, são herdeiras da teoria psicanalítica e que elas podem nos dizer algo sobre o Pai e o laço sintomático na cultura expostos nos inúmeros púlpitos evangélicos.

2 HISTE(Ó)RIA

Os sintomas enigmáticos da histeria estão presentes na história da medicina, sem dúvida alguma, é possível dizer que ela ainda se adapta à cultura desde que a linguagem fez os contornos possíveis da vida do indivíduo na civilização, barrou o sujeito e manteve inconsciente seus desejos e pulsões.

Como consequência deste recurso humano que é a capacidade de falar, a histeria fez brotar os sintomas mais emblemáticos e difíceis de decifrar já investigados na história e por este motivo, teve o poder de provocar diversas crenças científicas e religiosas ao longo dos séculos.

A história da histeria está marcada nos registros médicos de grandes civilizações, como a dos egípcios e gregos da Antiguidade, os quais, sem um método para tratar as mulheres paralisadas, angustiadas ou cansadas sem motivo claro, fizeram avançar a medicina e a pesquisa em busca de respostas. O caminho que a histeria percorreu nos indica como ela sobreviveu às trevas da Idade Média mediante as perseguições do discurso religioso, e à modernidade, com certo discurso psiquiátrico reduzindo o sofrimento e, sobretudo, ganhando proeminência ao se tornar o gérmen de onde nasceu a psicanálise.

A inclinação disposta nos subcapítulos seguintes visa a analisar os percursos sincrônicos e diacrônicos da histeria para assim obter um panorama de quais foram os recursos utilizados pela medicina – sobretudo a religião, a fim de resolver a incógnita que a histeria trouxe sobre a cisão do ser expresso em sintomas. Isso também nos ajuda a entender como a cultura atravessa o corpo histórico e molda a subjetividade de cada um, principalmente quando queremos tratar da vida religiosa e social que implica em “[sacrifícios] para tornar possível a vida em comum” (FREUD, 2010, p. 189). O sacrifício – palavra sacra para o ato da oferta, seja do corpo ou de outro objeto voltado a Deus – tem efeitos e atua contra a própria natureza humana, conforme nos lembra Freud no *Mal-estar na civilização*. Em síntese: a cultura de cada época tem muito a nos dizer sobre as influências e a estrutura da nada caricata histeria.

2.1 Antiguidade: o problema está no útero

Os primeiros indícios de que a histeria sempre esteve presente em parte das mulheres jovens e solteiras com queixas acerca de sintomas sem origem aparente foram encontrados por volta do ano de 1900 a.C. nos papiros médicos na cidade de Kahun, Egito. Paralisações do

corpo, cansaço repentino, dores cervicais e oculares eram os registros mais comuns entre as queixosas.

Os curandeiros da época, aqueles que tratavam as doentes com artifícios naturais, acreditavam que a origem dos problemas estava no útero. A premissa era de que as jovens faziam parte do grupo de mulheres que sofriam de abstinência sexual, já que muitas delas eram viúvas ou não tinham parceiros sexuais.

Deste impasse, o tratamento proposto seria a massagem dos órgãos genitais até que eles ficassem “satisfeitos”, o que demandava, em muitos casos, a “fricção da vulva”¹, como afirma a pesquisadora francesa Marie Foll (cf. 2017. p. 10). Em outras palavras, a “masturbação vaginal”.

No século IV a.C., com o grego Hipócrates, a histeria ganha dois nomes: “sufocação das matrizes” e *hysterus*. Posteriormente, para aquele médico, o útero expressaria sua “vontade animal” e, de tempos em tempos, exigiria que ali houvesse um bebê. Caso contrário, o ar intrauterino ressecaria e causaria um descompasso em todo corpo, proporcionando empuxos de respiração e falta de ar constante.

Outro método comum de tratamento foi a incineração de ervas capazes de provocar sensações de formigamento na proximidade da vulva a fim de que ela fosse estimulada, e da inalação de odores fétidos pelas narinas fazendo a matriz voltar ao seu lugar².

O Antigo Testamento faz menção ao uso de ervas incineradas como principal recurso para se tratar doenças via inalação, prática comum de muitos religiosos. O ato envolvia, em alguns casos, a cura via expulsão do espírito maligno, já que as doenças indicariam a presença do Mal na vida da doente. Esta objeção fica ainda mais evidente numa passagem bíblica do *Livro de Tobias* em que há o relato de um homem que, ao aprender o uso das ervas, pôde criar poções com ossos de peixe, fígados e outros ingredientes. Quando inaladas tais poções, elas, “poderiam libertar a pessoa da possessão demoníaca”, logo, do mal-estar que sentia (VAILATTI, 2011, p. 100).

O próprio Jesus de Nazaré, figura que inaugura a religião cristã no mundo, fazia suas peregrinações de cura via expulsão dos demônios invocando apenas o nome de Javé. Isso reforça a crença antiga de que o mal-estar era oriundo de forças sub-humanas e obscuras.

¹ Marie Foll utiliza o termo “*confrication de la vulve*” para exemplificar o manejo dos antigos no tratamento dos sintomas histéricos. Segundo sua tese, realizada na Faculdade de Ciências da Saúde de Dijon, França, as parteiras da Antiguidade foram as primeiras a constatar tais sintomas e propor tais métodos de alívio ao mal-estar.

² “Matriz” foi o termo usado por Hipócrates para se referir aos “órgãos sufocados”, conforme consta na obra *Histeria* (cf. JORGE; TRAVASSOS, 2021).

É importante salientar que a sexualidade feminina, na Antiguidade, de forma geral, assim como seu lugar na civilização grega, era cercada por crenças que a inferiorizavam.

Estas foram percebidas, como dotadas de um instinto animal e acreditava-se que o homem seria orientado pela razão, enquanto a mulher seria seu oposto.

Foi com Platão que o entendimento do corpo tomou tal orientação: assim, a mulher foi caracterizada como “animal sem alma” (ALONSO; FUKS, 2004, p. 22) e, neste sentido, é possível identificar o marcador do discurso científico no corpo feminino, bem como todo o estigma produzido a respeito de uma certa inferioridade da mulher e de sua sexualidade.

Os homens também apresentavam sintomas histéricos sem causa fisiológica aparente – as explicações giravam em torno da abstinência sexual e do acúmulo de sêmen, mas muitos casos não levavam o “nome de histeria”, pois não se tratava de uma doença causada pelo útero. Desta forma, homens não recebiam o mesmo estigma sexual que as mulheres.

Aristóteles, filósofo que também serviu de alicerce para a base do pensamento ocidental na Antiguidade, acreditava que havia uma hierarquia na condição generativa entre o homem e a mulher – tendo o homem o poder da forma e a mulher a sede da matéria. Mas de nada adiantaria a matéria sem a forma, pois, para Aristóteles, o ato, ou seja, aquilo que está presente na morfologia do genital masculino capaz de transmitir a humanidade, teria a marca do divino, logo, ganharia superioridade na escala da diferença sexual:

A figura do macho então seria a responsável pela transmissão da humanidade propriamente dita, já que apenas aquele seria o portador do princípio divino. Isso porque a forma, enquanto essência, seria o ato, sendo esta, pois, a perfeição que se transmite a marca do divino. Por isso mesmo o macho, seria, ontologicamente falando, o princípio motor e gerador, isto é, o único ser que poderia engendrar um outro. Em contrapartida, a figura da fêmea, enquanto matéria, esperaria passivamente para ser engendrada. A figura do macho seria, pois, atividade, e a da fêmea, passividade (BIRMAN, 2016, p. 39).

O princípio divino, o homem e o poder são significantes primordiais para se localizar no simbólico da cultura antiga aquilo que a psicanálise vem nomear como “falo” séculos mais tarde, como lembra a alusão de Lacan nos *Escritos* ao tratar da significação do falo e o que aparece na morfologia entre os sexos:

Pode-se dizer que esse significante foi escolhido como o mais saliente do que se pode captar no real da copulação sexual, e como o que é mais simbólico no sentido literal (tipográfico) desse termo, já que ele equivale à cópula (lógica). Também podemos dizer que, por sua turgidez, ele é a imagem do fluxo vital na medida em que ele se transmite na geração (LACAN, 1958, p. 699).

Ao considerarmos que o homem era o representante fálico, tendo em vista que ele representava a imagem do “fluxo vital” seguindo a comparação com a lógica antiga, tem-se a questão fálica nas afecções histéricas e no feminino que, desde sempre, foi compreendido como faltante. Tais suposições nos servirão de pilar para a compreensão da estrutura neurótica e do modo como ela faz laço sintomático no social, compreensão que Freud e Lacan abordam em diversos textos sobre a neurose e a estrutura histérica e será trabalhada no segundo capítulo.

O fato é que a dúvida sobre a origem do problema e o método de cura não foram sanadas neste período, muito pelo contrário: o saber insuficiente abriu margem para outras hipóteses e intervenções, surgindo o espaço ideal para as igrejas, na Idade Média, criarem um saber místico sobre o tema.

2.2 Idade média: a histeria é possessão demoníaca!

Os pesquisadores da Antiguidade abriram as portas da ciência, da arte e da arquitetura, entretanto, tais saberes não foram suficientes para aplacar a angústia que a assolava a civilização que estava frágil frente às catástrofes causadas por guerras e epidemias de doenças contagiosas, como a peste-negra, varíola e gripe que devastaram milhares de europeus, alguns historiadores acreditam que a região foi marcada por 1/3 das mortes entre os séculos V e XV em todo continente.

Diante destas circunstâncias hostis, fez-se necessário que outro saber tomasse o lugar de poder das massas a fim de amparar os males até então desconhecidos – o discurso religioso, como afirmam os psicanalistas Marco Antônio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos, floresceu como erva daninha num ambiente propício para isto:

O cenário para o crescimento do misticismo se desenhava: desastres naturais, fomes e grandes pestes acentuavam a miséria humana. Surgia uma ênfase religiosa monoteísta que atribuía à figura de Cristo, o filho de Deus que operava milagres, a medicina do corpo e da alma (cf., 2021, p. 21).

A Igreja Católica, em nome de Deus, passa a ser fonte de conhecimento predominante na consciência coletiva que usava a crença no Diabo/Satã para homogeneizar o imaginário humano e promover ideias de proteção, salvação e prazeres infinitos nos pós-vida. Segundo os teólogos:

Apesar de ser um mundo onde o mito era a linguagem, e a religião se fazia presente em todos os aspectos da vida, havia um senso pragmático muito forte nessas crenças. Houve um porquê da existência de um Satã e o monoteísmo não surgiu a partir de uma revelação de sonhos ou oráculos. Ambos surgiram a partir de uma necessidade. Tal qual leis, que nascem por conta de algo que a sociedade nota precisar de correção ou de algum “norte” sobre certo e errado, essas doutrinas não vieram sem uma situação que clamasse por elas (LOBOSCO; GOMES, 2017, p. 111).

A crença religiosa pôde sustentar o vazio coletivo e produzir sentido na vida de muitos que viveram na Terra em constante briga contra os pecados e as tentações do mal, assim como um modo de encontrar explicações para as vulnerabilidades que devastaram a vida de muitos, trazendo sentido a fome e das doenças até então desconhecidas. Para o psicanalista Marco Peter Leite:

A ordem do ocidente medieval se assentava na igreja e na religião, tudo o que ameaçasse essa ordem era suspeito de heresia, e até mesmo o doente, para exprimir o seu sofrimento, usava a linguagem religiosa. Segundo ela, o mal só poderia vir do diabo e a coletividade só aceitava essa interpretação (LEITE, 1991, p. 87).

A fragilidade emocional coletiva estava exposta não somente nas profecias apocalípticas cada vez mais intensa nas preces e procissões, mas em eventos emblemáticos como a conhecida “*dança maníaca*”, que se manifestou como um contágio epidêmico em um muitos países na Europa, principalmente na Alemanha como foi o caso da cidade de Kölbick, identificada por cronistas e padres do período como a primeira a registrar mortes causadas pela dança involuntária que duravam dias e até meses, assim como em Maastricht e a história das duzentas pessoas que morreram afogadas após dançarem até provocar o rompimento da ponte em cima do rio Moselle, além de outros relatos e registros encontrados nos discursos clericais.

Também há que se destacar os Países Baixos, parte da França e o sul da Itália, nesta última, com a enérgica dança da tarantela, cuja formação em círculos e o modo ritualístico de dançar faziam da música de ritmo intenso e psicodélico o modo de cura do corpo – em eminência da loucura supostamente causada pela picada da aranha “tarântula”³.

³ A crença de que a picada da tarântula fosse capaz de provocar a desordem mental e os movimentos involuntários como os da epilepsia prevaleceu entre os séculos XV e XVI e intrigou muitos italianos da região da Apúlia, que denunciavam terem sido picados por aquele animal. Segundo o grupo de pesquisadores do Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública da Universidade de Newcastle que escreveram o artigo *The dancing plague: a public health conundrum*, a hipótese poderia ser descartada, pois “não foi descrita em outros episódios de dança mania, mesmo nos casos de Tarantismo as evidências não foram convincentes”. “[...] Apesar disto, ela contribuiu para associar a picada da aranha com os episódios da praga da dança, iniciando um medo generalizado em torno das consequências de ser picado por ela, uma ansiedade que foi forte o suficiente para induzir a desordem mental, assim como as consequências de não participar da “dança” também eram irreparáveis” (DONALDSON, CAVANAGH; RANKIN, 1997, p. 202). O modo ritualístico e provocante, perdurou durante os anos. É possível assistir na internet a fragmentos desta dança: cf. o link de acesso a um vídeo gravado em 1998 na festa para

As danças frequentemente acompanhavam episódios de alucinação, uma vez que “elas [as mulheres] gritavam visões assustadoras e imploravam aos padres e monges para que salvassem suas almas” (WALLER, 2009, p. 624)⁴.

A representação desta “dança mania” pode ser vista na obra de Pieter Bruegel, cujo detalhe das expressões corporais ganham a atenção do observador: o desenho deixa evidentes os espasmos e nos aproxima do sofrimento e do transe psíquico dos enfermos enquanto dançavam exaustivamente.

Figura 1 – The Elder



Fonte: WALLER (2009)

A emblemática dança mortífera expressa na obra mobilizou algumas teorias infrutíferas sobre a causa do fenômeno. Houve a hipótese da ingestão de cogumelos alucinógenos que poderiam provocar alucinações e espasmos no corpo – entretanto, as diferentes regiões e

Patronale, S. Giorgio Martire”, na Sicília, onde ocorre o *Il Ballo della Taranta – Pizzica Salentina* (MARCO DL, 2013).

⁴ “Screaming of terrible visions and imploring priests and monks to save their souls” (WALLER, 2009, p. 624). Tradução livre minha.

condições climáticas, assim como os longos dias de dança e os apelos alucinados, não garantiram que o fungo fosse a causa do contágio. Segundo o historiador J. Waller:

Altos níveis de sofrimento psicológico aumentaram significativamente a probabilidade de um indivíduo sucumbir a um ataque involuntário e ao estado de transe. É improvável que seja uma coincidência, uma vez que, a praga da dança em 1374 se espalhou nas áreas mais selvagemmente atingidas no início do ano pelo dilúvio mais devastador do século XIV. O povo de Estrasburgo e seus arredores também experimentaram uma aguda angústia em 1518, depois de sucessivas colheitas apavorantes, preços altos dos grãos ao longo de uma geração, o advento da sífilis e a recorrência de velhos assassinos como a lepra e a peste. Mesmo pelos padrões extenuantes da Idade Média, estes foram amargamente anos difíceis para o povo da Alsácia (WALLER, 2009, p. 625).

Partindo da hipótese de que a causa seria o sofrimento psíquico proveniente das excitações externas, temos a própria dança como indicador de que há conteúdos inconscientes que, articulados no Real do corpo, são capazes de produzir movimentos repetitivos, involuntários e causadoras de sofrimento, um impulso sem sentido e arbitrário, e a consciência que descarrega as tensões, como o gozo do sintoma, que “serve tanto de sofrimento para o Eu quanto de alívio para o inconsciente” (NÁSIO, 1993, p. 24), um modo de satisfação um tanto “diabólico”.

Sendo o Diabo por contiguidade o representante mais antigo aos ícones dos prazeres da carne, dos desejos sexuais, da luxúria e do poder ideal nunca possível de serem satisfeitos, fazem dele a metáfora perfeita ao desejo inconsciente, sempre proibido e recalcado.

Além disso, foi o senhor das trevas quem garantiu, colateralmente, a fé em Deus. A figura diabólica, que aterrorizou o imaginário humano, paradoxalmente designou a conduta moral dos cidadãos, pois “mais que ser somente um monstro, ele funcionou como condensador de valores” (LEITE, 1991, p. 63) independente se estes valores eram empregados aos seres belos ou terríveis.

Os demônios estavam em toda parte: na conduta imoral dos cidadãos, nas doenças epiléticas, nas névoas no céu, nos pesadelos, nos comportamentos raivosos, até nas moscas que rondavam o leito de morte – ou seja, todos os acontecimentos para os quais não havia explicação eram atribuídos ao demoníaco (NOGUEIRA, 2002, p. 42).

Com esta base ideológica na cultura, a histeria ocupou o interesse dos sacerdotes, já que a questão sexual e a manifestação perturbadora dos sintomas no corpo eram evidentes e enigmáticas, além do que a diferença sexual ainda insistia na ideia de inferioridade feminina, que “considerada demoníaca, fez da mulher um alvo de desconfiança” (ALONSO; FUKS,

2004, p. 24). Muitas mulheres eram perseguidas e condenadas à fogueira, principalmente aquelas cuja sensualidade era marcante e que pertenciam a classes sociais mais baixas.

Outro índice histórico e linguístico de como a cultura influenciou a subjetividade das mulheres, principalmente as pobres que receberam o estigma de “bruxas”, nome atribuído às rebeldes, às “lascivas” e às supostas praticantes de feitiçaria.

Muitas acabaram sendo expostas aos horrores dos estupros, das práticas da Inquisição em praças públicas ou tinham, como única saída, a vida em prostíbulos, a fim de satisfazerem a vontade sexual dos trabalhadores para continuarem vivas e terem onde morar.

O panorama econômico da Europa, sobretudo na Inglaterra, ficou marcado pelo cercamento das propriedades, mantendo longe as viúvas e agricultores que dependiam de recursos naturais para sobreviver. Segundo a filósofa Sílvia Federeci e autora da obra *Mulheres e caça às bruxas*, a cidade rural de Essex é o claro exemplo de como estas redomas, ainda que realizada um século antes da caça às bruxas, contribuiu para fazer destes espaços a principal região de perseguições e julgamento durante a Inquisição devido à segregação que se impôs no período (FEDERECI, 2019, p. 54).

A mudança não foi somente geográfica: o sistema feudal gradativamente dava lugar ao capitalismo, e foi este o plano de fundo para o confronto de interesses, pois a caça às bruxas perseguiu sobretudo as inaptas ao trabalho, fosse por doença física, por idade avançada ou por qualquer outro motivo contrário à força da mão-de-obra.

Na época da Alta Idade Média, em 1485 até o esplendor do Renascentismo, foi promulgado o *Malleus maleficarum*⁵, um compêndio que buscava os crimes ditos contra a fé

⁵ Traduzido do latim como “Mal das bruxas” e conhecido também como *Martelo das feiticeiras* em nosso idioma, o título faz referência ao título do livro escrito pelo inquisidor alemão e religioso Heinrich Kramer (1430–1505), responsável pela investigação dos ditos crimes contra a fé e principal influente entre os intelectuais e pregadores por volta do ano 1474. Dividido em 3 partes, o livro parte da bula do papa italiano Inocêncio VII - e argumenta na primeira seção as condições para a bruxaria, indicando possíveis características e atributos reconhecíveis de quem são elas, como, por exemplo; quem foi capaz de seduzir algum homem e este deixou de desejar a própria esposa e o laço matrimonial, quem praticava a arte da adivinhação pela leitura dos astros ou até aqueles que usavam de feitiços e contrafeitiços para curar ou causar a impotência sexual em outro homem – são alguma das condições das chamadas, bruxas, feiticeiras e também dos magos. O segundo capítulo refere-se aos métodos utilizados na prática da bruxaria para enfeitiçar os cidadãos e os modos possíveis de prevenção, dividido em 18 categorias, Kramer e Sprenger orientam que aqueles que julgam em pró do bem social, denunciam qualquer suspeita, fazem o sinal da cruz, bebem e comem do sal e da água benta, estão livres dos efeitos de qualquer magia proferida pelas feiticeiras, no texto há um exemplo desta neutralidade e proteção adquirida quando os oficiais de justiça acompanhavam as culpadas para a condenação em praça pública, ou quando o prefeito da cidade de Wiesenthal, Alemanha – esqueceu de beber sua água benta e comer do sal sagrado, para ir ao casamento de um familiar e por conta disto, – “passou a sofrer das mais terríveis dores e das piores deformações corporais” (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 1208) esta constatação se deu pelo próprio prefeito. Na terceira parte do livro, o autor endereça seus argumentos aos juízes e responsáveis pela condenação das bruxas em esfera eclesiásticas e sobretudo na esfera civil, tal orientação se dá primeiro na consideração entre os crimes considerados heréticos, ou seja, contra os dogmas da igreja e em contrapartida, aos crimes que infringiam a lei comum, ele é enfático ao dizer que os inquisidores só poderão considera-las hereges, caso venham negar a fé, caso contrário seriam apóstatas, e as consequências seriam julgadas

desenvolvidos pela Igreja com o intuito de identificar quem havia feito pactos com o diabo, ou seja, basicamente pessoas que não seguiam a ordem imposta pelo clero e a nobreza e insistiam em outro estilo de vida, mais próximas de um saber da natureza e das relações de troca de bens essenciais (madeiras, cereais e conhecimentos medicinais, como a manipulação de ervas, por exemplo) como estilo de vida e modo de sobrevivência ao contrário do movimento capitalista que começava a surgir na vida do campo.

Foi o Papa Inocente VII quem endossou e autorizou a caça às “bruxas” que, para ele, seriam também as responsáveis por parte dos desastres e epidemias, sempre respaldado pelo persecutório discurso religioso:

Se consideramos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe dos acusados, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e ao poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, seu controle sobre a reprodução e sua capacidade de curar (FEDERICI, 2019, p. 309).

A filósofa italiana expande ainda mais os detalhes que incentivaram a queima viva de mulheres em praça pública e expõe fatores como a sensualidade, a sexualidade e a resistência como alvos da repressão voraz da Igreja.

Extraio deste argumento levantado pela autora o nível subjetivo, afetado por rumores inventados sobre feitiçarias e rituais que envolviam possíveis assassinatos e amedrontavam o imaginário dos mais abastados socialmente, que desejavam se verem livres das “figuras diabólicas” – era o corpo das mulheres o alvo desta violência, corpo este marcado por torturas e punições em praça pública.

Isso reforçava a posição de repugnância e raiva coletiva atribuídas às mulheres feiticeiras. No “*Martelo das feiticeiras*” escrito por Heinrich Kramer e James Sprenger, fica explícita esta conotação agressiva promulgada como lei em toda Europa, sobretudo na Alemanha, e em certas províncias próximas, conforme ele próprio cita:

Em certas regiões da Alemanha do Norte, e também nas províncias, nas aldeias, nos territórios e nas dioceses de Maiz, de Colônia de Tréves, de Salzburgo e de Bremen, muitas pessoas de ambos os sexos, ao negligenciar a própria salvação e aí se desgarrarem da Fé Católica, entregaram-se a Demônios, a íncubos e a súcubos, e pelos

pelo tribunal civil, fazendo referência a textos bíblicos, de Isaías e na “*Summa*” obra de Santo Agostinho sobre a verdadeira fé, – “Herege é o que ora dá origem a novas opiniões, ora as segue” (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 2319), logo, quem por obstinação intelectual, insiste na infidelidade contra os ideais da fé, a terça parte do martelo das feiticeiras é enfática ao propor a condenação em conjunto com os representantes da igreja e do Estado, sejam eles bispos ou sejam eles governadores. Por isto esta obra é essencial ao contexto social e histórico levantados neste capítulo.

seus encantamentos, pelos seus malefícios e pelas suas conjurações, e por outros encantos e feitiços amaldiçoados e por outras também amaldiçoadas monstruosidade e ofensas horrendas, têm assassinado crianças ainda no útero da mãe, além de novilhos, e têm arruinado os produtos da terra, as uvas das vinhas, os frutos das árvores e mais ainda: têm destruído homens, mulheres, bestas de carga, rebanhos, animais de outras espécies, parreirais, pomares, prados, pastos, trigo e muitos outros cereais; essas pessoas miseráveis, ainda afligem e atormentam homens e mulheres, animais de carga, rebanhos inteiros e muitos outros animais com dores terríveis e lastimáveis e com doenças atrozes, quer internas, quer externas; e impedem os homens de realizarem o ato sexual e as mulheres de conceberem, de tal forma que os maridos não vêm a conhecer as esposas e as esposas não vêm a conhecer os maridos; porém, acima de tudo isso, renunciam de forma blasfema à fé que lhe pertence pelo Sacramento do batismo, e por instigação do Inimigo da Humanidade (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 258).

Além desse recorte político, é possível usar outros cenários para ilustrar o diagnóstico das “possuídas”, como os numerosos casos de alucinação envolvendo cobras, insetos e outros animais: “[...] ficou famosa a lenda, no final da Idade Média, de uma certa mulher que vomitava sapos” (MESSIAS, 2016, p. 164). Outro exemplo referido no livro do pesquisador das monstruosidades faz alusão ao próprio nome “histeria” no diagnóstico médico do caso:

O estudioso Alexandre de Tralles, que viveu na Lícia durante o século VI, foi consultado por uma mulher absolutamente convicta de que havia um réptil em suas entranhas. Ele não demorou a compreender que se tratava de um caso de histeria – a paciente criara a cobra da própria imaginação – e solicitou uma descrição exata do animal. Pesquisando os Alfarrábios até identificar uma espécie similar, colocou-a no vaso que a mulher usava para expectorar! Inteiramente “curada” e gratíssima ao astuto médico, supõe-se que ela não tenha deixado de compensá-lo muito bem (ibid., p. 43) (MESSIAS, 2016, p. 165).

A situação também pode ser lida como forma de possessão demoníaca, uma vez que tal distúrbio pôde causar paralisações, contorções e até convulsões sem causa aparente. A interpretação de invasão de um espírito do mal no corpo era a única resposta diante do enigma histérico e tal hipótese era validada pela certificação e pelos métodos de identificação no famoso guia de caça às bruxas criado pela Igreja. Nele, havia instruções de testes para garantir o quadro demoníaco, o chamado *punctum diabolicum*⁶, cujo objetivo era encontrar partes do corpo sem sensação, paralisadas ou com movimentos involuntários a partir de pequenas perfurações de agulhas na superfície da pele.

Este detalhe das agulhas no diagnóstico corporal tornou-se crucial. Até mesmo Jean-Martin Charcot o usou séculos mais tarde para o diagnóstico das doentes da ala psiquiátrica do Hospital de *Salpêtrière*, na França.

⁶ “Marca diabólica” em português.

2.3 Renascimento: a histeria é neurológica

O período renascentista, também conhecido como a Era de Luz, foi marcado gradualmente pela retirada da Igreja do centro do saber para a assunção do que representou ser os novos rumos da humanidade.

Longe do obscurantismo religioso do passado, cientistas e artistas pretendiam usar o conhecimento e as artes como ideais antropocêntricos na produção de um saber “naturalista” sobre a vida e os astros, mesmo com a presença persistente da Igreja na civilização.

É possível identificar, nas célebres pinturas *A criação de Adão*, de Michelangelo, e na *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, excelentes signos do que representaram o período, principalmente nas artes, as quais reconstruíram a imagem do homem em ricos detalhes anatômicos em busca do belo e almejando até mesmo o divino pela via da razão. É do mesmo período o portentoso dramaturgo William Shakespeare, quem invocava, desde então, as forças misteriosas que “regiam as paixões e o destino dos homens” (NOGUEIRA, 2002, p. 107) nos palcos do teatro.

Essa presença naturalista, sobretudo na medicina, serviu de orientação diante o inexplicável, e isso fez com que “as causas sobrenaturais da histeria fossem postas de lado e ela voltou a ser tratada por médicos” (JORGE; TRAVASSOS, 2021, p. 22). As históricas passaram a ser consideradas doentes mentais, embora esta mudança não tenha entregado a dignidade merecida no tratamento dessas mulheres, pois muitas eram tidas como moralmente loucas pela classe médica.

Alguns profissionais acreditavam que os distúrbios eram frutos de uma simulação. Aqui temos outro ponto importante para a elaboração freudiana acerca do sujeito cindido. Baseado na lógica puritana, os cientistas “naturalistas” fizeram do corpo um lugar moralista e dessexualizado, a palavra “cérebro”, por exemplo, apareceu de modo a atribuir ao órgão um caráter nobre, tornando-se a sede da histeria.

Assim, eliminaram-se os genitais da questão conforme vinha sido discutido desde a Antiguidade. Em contrapartida, surge na Inglaterra a “teoria dos vapores”, que concilia o conceito das matrizes uterinas de Hipócrates, porém, com um discurso lógico e técnico ao fenômeno:

No seu tratado dos vapores”, diz serem os fermentos seminais que liberam vapores históricos, mas o efeito destes depende de como se distribuem pelo organismo; em algumas pessoas distribuem-se constantemente, tornando as pessoas doces, amorosas sem problemas sexuais. Nos homens os vapores são voláteis e, por isso, não chegam

até o cérebro; nas mulheres os fermentos são pesados. Na situação de abstinência, a semente acumula, fermenta e produz vapores que se transladam até o cérebro; isto não ocorre nas mulheres casadas nem nas mais jovens, ocupadas com os cuidados da casa (ALONSO; FUKS, 2004, p. 27).

A explicação da histeria no Renascimento teve muitas nuances morais. Afastando-se da questão sexual, fizeram da educação de crianças e jovens o antídoto capaz de prevenir a ociosidade e o tédio, os quais poderiam ser ocupados por brincadeiras para as meninas pequenas e, para as maiores, por tarefas domésticas. Livros de conteúdos apaixonantes e fantasias amorosas deveriam ser evitados por elas, já que eles poderiam fazer aflorar os nervos e causar a temida neurose no futuro.

Nesse período, surge o termo “neurose” criado pelo psiquiatra escocês Willian Cullen⁷, quem enquadrou a histeria no quadro de doenças neurológicas anos mais tarde. Foi graças ao termo que a simulação encontrada em muitas doentes pôde ser considerada um fator patológico e não cênico. A palavra foi bastante difundida entre psiquiatras como Charcot, Emil Kraepelin e Pierre Janet. Deste recorte, pode-se retirar o caráter histórico purista e moral em volta da sexualidade, entendida teatralmente.

2.4 Modernidade: a hipnose cura

O período moderno na psiquiatria foi marcado por nomes que até hoje ecoam em práticas ditas clínicas e em espetáculos midiáticos. Conhecido por ser o inventor da hipnose, Franz Anton Mesmer, médico alemão responsável pela teoria do magnetismo animal, criou um método que se dizia capaz de induzir sintomas das “doentes dos nervos”.

Segundo ele, o sofrimento se dava pelo desequilíbrio do chamado “fluido universal”, que estaria presente no organismo humano e podia ser regulado por magnetismo. Com referências da física, Mesmer cria um método confuso de cura, mas chega a apresentar até mesmo em praça pública o seu trabalho, sempre de modo espetacular.

Isso teve o poder de enfeitiçar os olhos das plateias que lotavam as praças e acreditavam nos efeitos “sobrenaturais” da invenção mesmeriana sobre o corpo das enfermas que, involuntariamente, correspondiam aos comandos dados pela voz dele.

⁷ Psiquiatra e químico, inventor do termo “neurose” (1710-1790). Há um artigo sobre o tema “Cullen e a introdução do termo “neurose” na medicina” (PEREIRA, 2010).

A fama de Mesmer logo se propagou pela Europa, mas sua “ciência” foi denunciada por haver certo erotismo na relação entre médico e paciente, e por essa razão, ele foi acusado de charlatanismo e impedido de exercer as atividades como hipnólogo.

Apesar dos rumores, outros médicos daquele tempo, partiram da teoria do magnetismo animal para provar novos resultados, como o Marquês de Puységur, quem trouxe, com aquela técnica, a indução ao estado de sonambulismo a partir de diálogos e do contato direto com as pacientes, diferente do gélido modo de tratá-las sem ao menos questioná-la sobre o que estavam pensando ou sentindo.

Em seguida o neurologista Charles Laségue, introduz o termo “sugestão” que usando palavras de comando, pôde movimentar as paralisias apresentadas sob o estado hipnótico.

As recorrentes desconfianças de que aquele fenômeno não se passava de um ato teatral, assim como a sedução que rondava a figura de Mesmer, trouxeram resistências e dúvidas para a classe de cientistas e professores da academia por toda França. Isso só vai mudar com a chegada do célebre professor Jean-Martin Charcot, médico responsável pelos cuidados das pacientes epiléticas e das numerosas publicações científicas sobre neurologia e o tratamento da histeria utilizando o método hipnótico.

A principal hipótese do professor francês era: “que o choque nervoso decorrente de traumas vividos em sérios acidentes produzia um estado hipnoide, semelhante à hipnose, favorecendo a ocorrência de efeitos de autossugestão” (JORGE; TRAVASSOS, 2021, p. 34). Isto fez com que a prática obtivesse valor científico.

Não o bastante, Charcot apresentou em congressos e aulas, diversos casos possíveis de manipulação sintomáticas das suas “loucas” – duas delas ficaram famosas em consequência destas exposições; *Augustine* e *Blanch Wittmann* que demonstraram em tempo real as manifestações e manipulações dos sintomas no corpo, garantindo credibilidade ao professor e testemunhas diante o inefável.

As manipulações tinham hora e data para serem feitas, geralmente aconteciam nas intituladas *Leçons du Mardi*⁸ – aulas expositivas nos auditórios da grande Salpêtrière que tinham como público predominante: homens, cientistas e muitos outros considerados figuras importantes da sociedade. Eles assistiam de perto ao que outrora era tido como possessão demoníaca; do outro lado, as pacientes se emprestavam em busca de um saber vindo do mestre.

⁸ “Aulas de terça-feira” em português. Os textos foram publicados por Charcot em 1887 e estão disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional Francesa (BnF) (CHARCOT, 1892).

Em pouco tempo, os principais jornais da Europa, como *Le figaro*⁹, espalhavam notícias e críticas sobre os feitos do professor. Todos queriam ver o que acontecia no hospício. *André Brouillet*, artista responsável por registrar algumas pinturas acadêmicas da época, demonstra nitidamente o efeito que as aulas provocavam.

Na obra a seguir, é possível reconhecer o rosto de *Josef Babinsky* (atrás do professor), neurologista e pesquisador sobre a hipnose no tratamento da histeria, bem como *Geroge Gilles de La Tourette* (vestido de avental e sentado à frente), conhecido por estudar um caso de possessão demoníaca de uma freira registrado na cidade de *Loundun* entre 1602 – 1665, também na França, e a *Sra. Blanch Witteman*, a paciente retratada ao centro do quadro, que foi considerada, por muitos deles, como a “rainha das histéricas” (DIEMAR, 2021, p. 86).

Figura 2 – Une leçon clinique à la Salpêtrière



Fonte: André Brouillet (1887 *apud* DIEMAR, 2021)

O tom teatral sempre se fazia presente e se tornou ainda mais evidente com o caso da paciente Augustine, que chegou a fugir da *Salpêtrière*, tida por “Meca” dos hospitais psiquiátricos ou, ainda, por segunda Bastilha devido ao tamanho das paredes que cercavam e delimitavam o local num largo espaço. Era também a “cidade das mulheres incuráveis” (DIDI-HUBERMAN, 1982, p. 13), ou seja, um lugar difícil de se escapar. Augustine fugiu após ter

⁹ O jornal diário *Le Figaro* tece palavras como *Theatre Hysterique de La Salpêtrière* (Teatro histórico na *Salpêtrière*) e *C'est un des médecines les plus lancées de Paris* (Ele é um dos médicos mais aprimorados de Paris) ao se referir ao professor Charcot e ao hospital. A matéria foi publicada em 15 de novembro de 1883 e está disponível na Biblioteca Nacional da França (LE FÍGARO, 1883).

sido a “doente-modelo” e responsável por encenar repetidas vezes seus traumas infantis e fantasias sexuais diante da plateia predominantemente masculina:

Nestas Augustine reproduzia a cena do estupro, com contorções acompanhadas de injúrias: [“Porco” ... co!... está me machucando... Ele me abria as pernas... eu não sabia que era um bicho que ia me morder”]. Ela repete esta cena 154 vezes num dia; neste dia lança acusações a Charcot: – [“Você diz que me curaria, não era isso?”]” (ALONSO; FUKS, 2004, p. 34).

Essas aulas fascinaram Sigmund Freud que, ainda estagiário, se interessou pelo enigma histérico desde seu princípio e pelos fenômenos inconscientes apresentados por seu então professor Jean-Martin Charcot, o qual trouxe as questões sexuais de volta ao debate.

A *mise-em-scène* exaustiva de Augustine mostrava como, de algum modo, aquela representação buscava ser subjetivada, ouvida e interpretada, porém, a moça não obteve nenhuma das condições técnicas necessárias para poder almejar uma melhora.

Isso basta para confirmar a importância da escuta no manejo da livre associação que a psicanálise posteriormente preconizaria como forma de tratamento. E a sugestão como ferramenta terapêutica falhou à medida que a transferência entre médico e paciente se misturaram numa espécie de fantasia a dois, sem permitir que a neurótica criasse condições simbólicas para atravessar a própria fantasia.

Não por acaso, a “paciente-modelo” foge do hospital, visto que ela servia somente como objeto de pesquisa e apresentação aos acadêmicos, que nada fizeram em relação ao seu sintoma além de observações, especulações e testes, como bem retrata o filme *Augustine* (2012) que tem como plano de fundo a estreita consciência médica em 1885 acerca das hipóteses etiológicas da doença e a relação fria e distante entre médico-paciente buscando na fisiologia cerebral, a saída para o enigma histérico.

Depois de Charcot, outros nomes importantes surgiram na psiquiatria propondo algo novo ao tratamento, a exemplo de Emil Kraepelin, que propôs a escuta da biografia das pacientes a fim de encontrar correlações entre o sintoma e algum trauma vivido anteriormente. Ele foi o primeiro a identificar a resistência de muitas doentes em largar o sintoma.

Surge também outro neurologista, Josef Babinsky, quem deu as coordenadas do efeito da sugestão como redução das manifestações e da persuasão como modo de cura. E Pierre Janet que, discordando de Charcot sobre a ligação trauma e sintoma, propôs a ideia de um campo subconsciente de imagens que escapavam ao controle da paciente, gerando conflitos de personalidade e manifestação da histeria.

A contribuição desses psiquiatras levantou pontos importantes para aquilo que iria servir de material psíquico numa sessão de psicanálise no futuro, como a transferência, a contratransferência e a biografia contada pela paciente, que passaram a ser consideradas e ganhou uma metodologia na dinâmica terapêutica depois de muitos anos.

O fracasso da hipnose é apresentado por Freud na sua primeira publicação em parceria com o médico, Josef Breuer, no texto intitulado *Estudo sobre a histeria* (1893), não sem antes testá-lo em sua própria clínica e reconhecer o benefício de alguns de seus efeitos. São inegáveis que tais influências foram essenciais para Freud e Breuer no início da teoria psicanalítica.

Ainda hoje, a sugestão hipnótica é realizada por hipnólogos no tratamento de fobias e traumas ou para fins recreativos em shows de entretenimento, do qual a plateia ou paciente, inclinados pelo saber do hipnoterapeuta, respondem aos comandos dele, conscientes ou não.

O ponto aqui é demonstrar justamente como a transferência e a incidência do erotismo, ainda são fatores estruturantes de manipulação na neurose histérica, servindo de espetáculo midiático e sobretudo como alicerce na relação com o mestre, seja ele um pastor, um médico, um analista, ou seja, um “mágico-terapeuta”.

2.5 Aqui nasce a psicanálise

Acompanhar a vida de Freud para estabelecer o ponto de origem da psicanálise é praticamente impossível, mas concomitantemente imprescindível, primeiro porque a psicanálise nasce a partir da fala das pacientes e segundo porque me leva a crer que a vida em Viena¹⁰, a família judaica¹¹ e o próprio contexto acadêmico¹² serviram como bússola na formação da teoria psicanalítica, ainda que ela não existisse com toda fundamentação e consciência que temos hoje em dia.

¹⁰ A pequena e cosmopolita cidade de Viena, capital da Áustria – foi para o que considerava o escritor e cidadão vienense; Stefan Zweig – a cidade lazer, descrevia-a como: “dominada pela paixão da cultura: tocar música, dançar, ir ao teatro, conduzir-se com bom gosto e propriedade eram em Viena consideradas uma arte especial. O mais importante, tanto na vida do indivíduo quanto na comunidade, não eram as questões militares, políticas ou comerciais; a primeira página do jornal a ser lida por um cidadão comum não era a das discussões no Parlamento ou a dos acontecimentos internacionais, mas as dos programas de Teatro” (MEZAN, 2019, p. 36).

¹¹ Um de seus primeiros livros de infância foi a bíblia ilustrada de Philippon, livro oferecido por seu pai Jakob, fiel e temente aos preceitos judaicos. Em *Autobiografia*, ele diz: “O fato de ter-me ocupado precocemente da história bíblica, tão logo aprendi a arte da leitura, influiu de forma duradoura na direção de meus interesses, como vim a conhecer bem depois” (FREUD, 2011, p. 78). Apesar disto, ele se considerava um ateu convicto e um homem da ciência.

¹² O contato com o pensamento científico-empirista na universidade de Viena, trouxe o embate as questões religiosas e as explicações que esta oferecia ao mundo. Freud, teve como mestre o fisiologista Ernst Bruck, quem nutria respeito e inclinação ateu, assim como o filósofo Bretano, cujas “lições fizeram refletir sobre as crenças no materialismo e no cientificismo ateu (RODRIGUES; GROppo, 2013, p. 252).

Isto fica evidente com a autoanálise que ele pratica, assim como os apontamentos sobre a cultura e a pesquisa partindo do conteúdo e conhecimento oriundos da clínica.

No entanto, é pertinente dizer que foi com a ida de Freud até a França em 1885, graças à bolsa de estudos que ele ganhou para produzir pesquisa na área da neurologia, que a vida do jovem médico tomou outros horizontes, aparentemente feliz com a conquista, embora em algumas cartas endereçadas a sua fiel amada, Martha Bernays, ele tenha descrito sobre o desânimo que sentiu ao perceber a quantia mísera da bolsa de estudos assim como o escasso tempo para concretizar a viagem que tanto desejou.

Recém-chegado na França, Freud escreveu à Martha: “ando tão incrivelmente preguiçoso, e sei a razão disso; as expectativas sempre fazem com que nós, os seres humanos, negligenciemos o presente” (GAY, 1988, p. 59) apesar da realidade de escassez, e da contradição manifesta, ele conseguiu viver o seu desejo, para além da necessidade que se impôs.

É notável o caráter analítico, sensível e sincero nas entrelinhas deste trecho que ele endereça a sua amada, inclusive a atenção dada ao que escreve e o espírito investigativo ao próprio desalento vivido nas constantes crises de isolamento que perdurou por longos anos durante o desenvolvimento da psicanálise, tendo cessado apenas com a chegada de seu bom amigo e ouvinte – Fliess, dois anos mais tarde.

Ele também escreveu sobre as boas experiências ao conhecer o “obelisco autêntico de Luxor” no Museu do Louvre e outros passeios turísticos, mas sem dúvida, a excitação em contribuir para o desenvolvimento teórico sobre a fisiologia do cérebro no hospital referência de doença psíquicas, serviu de motor propulsor para sua empreitada na França – dedicado, Freud produziu dois estudos na área da neurologia ainda nas primeiras seis semanas de trabalho no laboratório psiquiátrico na Salpêtrière – também relatou por cartas a grande surpresa e estima com a figura do “brilhante Charcot” (GAY, 1988, p. 59) seu professor e diretor de departamento.

A presença ilustre desse professor também serviu como divisor de águas em seus anseios acadêmicos, influenciado pela inteligência e o caráter teatral das aulas que seu admirado ministrava, decidiu se enveredar pela hipnose, que já havia lhe causado algum interesse e passou a ter ares científicos depois de ter assistido de perto o habilidoso mestre utilizar a técnica; abandonou o microscópio e as enguias desde então, e com elas o estigma de “charlatanismo” sobre o método hipnótico.

É bem provável que esta viagem tenha despertado o desejo da prática clínica. O retorno à Viena naquele mesmo ano e a frase que ouviu do próprio Charcot serviram de motivação para pesquisa e seus primeiros atendimentos: “Descrevo as formas clínicas e anatômicas das

patologias, mas, em relação aos mecanismos psicológicos, aguardo que algum outro o faça” (JORGE; TRAVASSOS, 2021, p. 35).

No pequeno consultório na rua *Bergasse*, 19, estava pendurado na parede uma réplica do quadro de Andre Bouillet, *Une leçon clinique à la Salpêtrière*, símbolo de toda vivência e inspiração que sentiu durante a estadia no hospital – a atitude destemida diante das dificuldades, me leva a crer nisto, ele estava disposto a fazer pesquisa e encontrar o mecanismo e a resposta sobre o ar “místico” que a hipnose exercia nas enfermas, acima de qualquer circunstância seja ela financeira, ou seja, ela intelectual, já que seria o primeiro a pesquisar um método terapêutico para a questão da histeria.

Ainda sem recurso, buscou na paciente histérica do médico e amigo Breuer, o objeto necessário para iniciar a escuta, prática e pesquisa clínica, considerando não só o saber neurológico, mas suas próprias impressões e indagações sobre os fenômenos culturais de seu tempo, que, com efeito, atuou no processo de invenção da teoria psicanalítica (MEZAN, 2019, p. 161).

A leitura dos primeiros textos publicados entre 1893 e 1895, como *Estudos sobre a histeria e sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, deixam evidente o progresso e os efeitos que a própria atuação clínica teve sobre a teoria, a medida com que ele ouvia as queixas das pacientes, elementos indesejados e projetados tocavam a seara da sexualidade e a moral, que serviram como os principais pilares para o início da teoria psicanalítica. No manuscrito *G*, datado de 7 de janeiro de 1895, é possível observar o que Freud tece sobre a condição das mulheres na cultura do século XVIII:

Porque a anestesia é uma característica tão predominante na mulher. Isso se deve ao papel passivo que ela desempenha [...]; a mulher não tem escolha possível, pois não é consultada. Logo, é mais suscetível à anestesia pelas duas razões seguintes: a) toda a sua educação está dirigida para não despertar tensões somáticas, mas sim para converter em estímulos psicológicos todas as excitações que de outro modo teriam esse efeito [...]. Exige-se da mulher que renuncie ao arco da reação específica e que em troca adote as ações específicas permanentes, destinadas a induzir os comportamentos correspondentes no indivíduo masculino [...]; b) muito frequentemente, a mulher aborda o ato sexual ou o casamento sem amor algum, isto é, com uma tensão sexual mínima [...] nesse caso é frígida e continuará a sê-lo (MEZAN, 2019, p. 128).

A moralidade é o ponto crucial na investigação freudiana, não somente como forma de repressão, mas sobretudo da relação de objeto à guisa de satisfação sexual presente desde o nascimento, uma vez que o bebê, alucinadamente, depende de outro para encontrar na realidade

o seu desejo e o reconhecimento deste, além de poder expressar de modo rudimentar sentimentos de amor e hostilidade, dentro do aceitável pelo outro.

O tônus desta elaboração sobre a moral está presente na teoria do complexo de Édipo e na obra *Totem e Tabu*, essenciais para formação da estrutura neurótica e da religião, que serão exploradas no próximo capítulo.

Apesar de rudimentares, esses elementos podem ser o “gene” da reprodução que prepara o nascimento da psicanálise, pois, partindo do que havia aprendido na França, Freud e Breuer compactuavam com a ideia de que a histeria teria como causa a situações traumáticas, muitas vezes com teor sexual, impossibilitadas de elaboração, entretanto, eles propuseram um desvio radical ao dispor a hipótese afetiva como origem patógena, ao contrário da condição orgânica exaustivamente pesquisada pelos franceses.

A hipótese da carga afetiva foi largamente explorada por Freud neste período, que, com o método hipnótico, conseguiu induzir o relaxamento do corpo de suas pacientes, que, concentradas na figura do hipnotizador, obedeciam aos comandos rumo ao estado de transe, e assim garantiam a suspensão do senso moral, crítico e o livre escoamento da memória e da fala.

Tanto Freud quanto Breuer acreditavam que deste modo era possível encontrar o elemento traumático esquecido na história da paciente, que carregado de afeto “fez a transformação da excitação psíquica em sintomas somáticos, crônicos” (FREUD, 2016, p. 149). Uma vez que fosse possível, reviver e elaborar conscientemente a cena traumática por meio da fala, trazendo junto à memória a carga afetiva presa ao corpo, era possível que a descarga deste afeto fosse realizada, liberando, descontraindo os músculos e até provocando variadas reações, como o choro, riso e a raiva, por exemplo – a este método ficou conhecido o nome de “catártico”.

Para o precursor da psicanálise, o conteúdo reprimido, depois de verbalizado, pode ser *ab-reagido*, este era um modo de alterar o estado patógeno afetivo, viabilizado pela interpretação do analista e pela fala do paciente, palavra esta, capaz de substituir o ato, como uma tentativa de suicídio ou ataques agressivos, alterando colateralmente a quantidade *elementar* de afeto despendido pela situação traumática vivida no passado, cuja ideia persistia na vida presente, porém longe da consciência e associada ao corpo.

Na resistente dificuldade de fazer remorar estas cenas de excessivo estímulo psíquico e, sobretudo, o afeto vinculado a elas, Freud se deparou com um fator primordial para o

nascimento da psicanálise: o recalque¹³. É o recalque o principal indicador da cisão do ser, por ser ele que aponta para outra cena atuante no interior do paciente, o “segundo estado”, como mencionou nos *estudos sobre a histeria*: “podemos compará-la [referindo-se ao estado de psicose histérica que a paciente Anna Manifestava¹⁴ através de alucinações, fantasias e lacunas de lembrança] ao sonho” (FREUD, 2016, p. 72).

Freud escreve em seu artigo *sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* o efeito deste método em suas pacientes:

De nossas observações resulta, pois, que aquelas lembranças se tornam motivo precipitador de fenômenos histéricos, conservaram-se por longo tempo em admirável frescor e com todo o seu realce de afeto. Mas devemos mencionar, como outro fato notável e que mais tarde aproveitaremos, que os doentes não dispõem dessas lembranças como de outras de sua vida. Pelo contrário, essas vivências faltam por completo na memória dos doente. Somente quando eles são interrogados na hipnose essas lembranças aparecem com a vividez intocada de acontecimentos frescos (FREUD, 2016, p. 27).

A conjectura freudiana faz uso essencial da história da histérica (por que não da histeria?) para propor algo novo – o problema não é mais de ordem religiosa, neurológica ou uterina, mas, sim, pulsional/somática¹⁵ – um conflito entre forças psíquicas que envolve desejos, fantasias e a sexualidade infantil perversa e polimorfa circulantes no inconsciente, que alucinada ou atuada no corpo, através dos transtornos oculares, paralisações musculares, emagrecimento abrupto e entre outros sintomas que suas pacientes apresentavam, sobretudo a fatídica Anna O. indicavam a singularidade e a importância de terem reconhecido os seus desejos mais profundos.

Ao contrário do preceito médico de encontrar um método para cura e submeter o paciente ao protocolo de tratamento, foi graças ao insucesso terapêutico, diria eu, insucesso de manejo da transferência entre a relação paciente-analista, que o caráter primordial da clínica

¹³ Definição no *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontails: “Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 430).

¹⁴ Anna O. é o nome fictício da paciente Bertha Pappenheim (1859-1936), foi levada ao médico Breuer após sentir diversos sintomas, como: tosse nervosa, sonambulismo, forte sonolência, estrabismo, paralisias e alucinações com cobras ou de que as palavras pudessem sumir. Depois de passar pelo método catártico, e notar melhoras nas manifestações patológicas, Freud, fez suas primeiras contribuições como supervisor do caso. Foi graças a Bertha que a ideia de histeria de defesa ganhou espaço e pôde ser explorada a partir da concepção de que havia um “segundo estado de consciência” atuante no psiquismo, como o sonho.

¹⁵ O que podemos definir pelo termo “soma de excitação”, definido por Laplanche e Pontails como: “um dos termos utilizados por Freud para designar o fator quantitativo cujas transformações são objeto da hipótese econômica. O termo acentua a origem desse fator: as excitações externas e sobretudo internas (ou pulsões)” (1991, p. 491).

psicanalítica surge: a associação livre, isto acontece, justamente quando Anna interrompe as sugestões do médico para que ela pudesse falar livremente e, assim, conseguisse “limpar a chaminé”, e fazer a sua *talking cure*, ou seja, a cura pela fala.

É pertinente marcar que um dos sintomas dela era a tosse constante, fora provocado todas às vezes que ouvia alguma música dançante – em análise, relatou que no dia em que estava no leito de seu amado pai, ouviu aos fundos uma música soar em ritmo de festa e desejou estar lá onde os outros comemoravam, e então, a forte autocensura de ter desejado estar longe do pai, na situação de cuidadora, converteu-se em tosse nervosa, assim como este sintoma, ela também encontrava dificuldades em falar a própria língua materna, alternava entre o inglês e o francês, se negava a beber água ou comer alimentos, um deles era a laranja que remetia ao pai doente. Freud nos diz que; cada sintoma desaparecia uma vez relatada a primeira ocasião (FREUD, 2016, p. 66).

Foram duas pacientes históricas que, escritas na pesquisa de Freud, inauguraram a clínica e o avanço sobre os mecanismos das pulsões e o advento do inconsciente. Uma delas é Anna O e a outra é a srta. Elisabeth Von N., que aos 24 anos, paralisada de uma perna, buscou tratamento e relatou em análise a difícil relação com os homens da família, principalmente seu pai quem cuidou quando ele estava adoecido das pernas, e o cunhado, que tempos depois, em uma caminhada com ele, sentiu as próprias pernas adormecerem – na fala dela, havia a queixa de sempre sentir-se desamparada e de “andar sozinha”.

A interpretação freudiana sobre o amor reprimido ao pai e a recusa da feminilidade, obteve efeitos curativos, tanto que ela pôde participar do baile da cidade anos depois.

Mas este caso trouxe a percepção do prazer sexual deslocado e condensado no sofrimento daquele sintoma, enquanto Freud a examinava com leves toques na perna, enxergava nas feições dela sinais de prazer sexual, toques sentidos nos membros até então dormentes – ali estava o representante sexual recalcado articulada ao sintoma – o amor ao pai e logo depois, o cunhado.

Embora o termo “psicanálise” tenha sido encontrado apenas em 1896 no artigo endereçado a Charcot e a seus discípulos, denominado *L’heredité et l’etiologie des névroses*” ele descreve o que encontrou a partir da sua pesquisa e método:

Devo meus resultados a um novo método de psicanálise, o procedimento exploratório de Josef Breuer; é um pouco intrincado, mas insubstituível, tal a fertilidade que tem demonstrado para lançar luz sobre os obscuros caminhos da ideação inconsciente. Por meio desse procedimento – [...] os sintomas históricos são investigados até sua origem, sempre encontrada em algum evento da vida sexual do sujeito, apropriado para a produção de uma emoção aflitiva. Percorrendo retrospectivamente o passado

do paciente, passo a passo, e sempre guiado pelo encadeamento orgânico dos sintomas e das lembranças e representações despertadas, atingi finalmente o ponto de partida do processo patológico; e fui obrigado a verificar que, no fundo, o mesmo estava presente em todos os casos submetidos à análise – a ação de um agente que deve ser aceito como causa específica da histeria. Esse agente é, de fato, uma lembrança relacionada à vida sexual (FREUD, 1996, p. 89).

É possível considerar que seu nascimento, ou ao menos, o protótipo do que seria a psicanálise hoje, aconteceu na clínica três anos antes – tomado pela fala daquelas que não tinham a chance de dizer o que sentiam e pelo enigma milenar que a histeria causou e ainda é capaz de causar ao denunciar no corpo os efeitos que a cultura pode acarretar a vida psíquica consciente e principalmente inconsciente de todo nós.

E claro, sem desconsiderar o esforço e a persistência de Sigmund Freud, na incansável pesquisa e legado que deixou até seus últimos dias de vida.

3 A ESTRUTURA DA IGREJA COMO METÁFORA PARA A ESTRUTURA DA HISTERIA

A proposta deste capítulo está em apresentar a estrutura da histeria pelo viés psicanalítico e afunilar a relação do fenômeno com as igrejas pentecostais¹⁶ e neopentecostais¹⁷ brasileiras utilizando de algumas experiências, notícias e metáforas. Cogito fazer isto através da elaboração de conceitos pilares da psicanálise à estrutura histórica como; o recalque, complexo de Édipo, identificação, falo, desejo e função paterna, com a estrutura das igrejas, no

¹⁶ O movimento pentecostal nasceu na rua Azuza, Los Angeles. Em 1906 eclodia nos bairros periféricos a repressão, exclusão e perseguição política/social dos mais vulneráveis financeiramente e sobretudo os negros, é desta época os crimes cometidos pela Ku Klux Klan. Diante de tanto infortúnio, W.J. Saymour, um homem negro de meia-idade, que era deficiente de um olho, passou a ter experiências espirituais que ele designava como sendo o toque do Espírito Santo – o documentário cujo título leva o nome da rua Azuza, “*O reavivamento da Rua Azuza*” (2006) faz a simulação do que teria acontecido naqueles dias de isolamento, seguidos de jejum e oração em busca da cura da filha de um amigo, Saymor passou a falar em línguas estranhas, o fenômeno contagiou outros membros da família, como a própria filha e o amigo que também começaram a rodar e falar em outra língua irreconhecível, em pouco tempo a notícia se espalhou pelo bairro, segundo relatos no documentário: “pessoas caíam quando chegavam na rua Azuza 312” e a casa passou a oferecer cultos dominicais, como prova da presença do Espírito Santo através da glossália e os movimentos involuntários do corpo, muitos chegavam na rua Azuza com algum tipo de demanda em relação ao sofrimento, seja emocional, psíquico ou físico. Confirmando o que estaria escrito na escritura bíblica, em Marcos 16, 17 e 18, de que o fenômeno da glossália era um sinal do fim dos tempos, boa parte da comunidade negra e os brancos, mas principalmente os latinos e as mulheres, que conseguiram encontrar um espaço de acolhimento e poder nas decisões do grupo, passaram a compor a conhecida “missão Azuza” cujo intuito era disseminar a palavra de Deus e as ideias do avivamento para outros locais, anunciando a salvação para fim do mundo iminente. Em uma matéria publicada pelo jornal local da época, o movimento era visto como: “*disgraceful intermingling of the race...they cry and make howling noises all day and into the night. They run, jump, shake all over, shout to the top of their voice, spin around in circles, fall out on the sawdust blanketed floor jerking, kicking and rolling all over it. Some of them pass out and do not move for hours as though they were dead. These people appear to be mad, mentally deranged or under a spell. They claim to be filled with the spirit. They have a one eyed, illiterate, Negro as their preacher who stays on his knees much of the time with his head hidden between the wooden milk crates. He doesn't talk very much but at times he can be heard shouting, 'Repent,' and he's supposed to be running the thing... They repeatedly sing the same song, 'The Comforter Has Come.'*” (INTERNATIONAL CENTER FOR SPIRITUAL RENEWAL, 2007). Perseguidos pela mídia, os novos evangélicos se dividiram, a Assembleia de Deus surge desta cisão, e passa a ser conduzida por membros brancos, muitos suíços imigrantes que pertenciam a classe operária americana. No Brasil, a aceitação dos povos mais simples não encontrou barreiras, apesar da forte fé na doutrina católicas muitos dos adeptos passaram frequentar as igrejas pentecostais inauguradas por Virgen e Berg, quem fundou a primeira Assembleia de Deus em 1914 no Pará, a simplicidade, bem como a organização horizontal, sem hierarquias permitiram a construção de uma comunidade de gente socialmente excluída (FRESTON, 1994, p. 79) sem contar a vulnerabilidade da qual estavam expostos, e pelo anseio de reconhecimento de suas dores, uma vez que o Brasil, nos diz o autor, carece de uma assistência adequada, principalmente na área da saúde. A função destas igrejas serviu a população de modo “terapêutico” ajudavam a nomear as aflições causadas pelo inimigo, em grupo encontravam forças para enfrentá-lo, nessa perspectiva que o pesquisador afirma “A massa necessita de cura para a sua alma” (ANTONIAZZI, 1994) assim ficou marcado na história do pentecostalismo, a primeira onda que evoluindo, passou para a segunda onda, momento de expansão geográfica e a terceira onda, conhecida como os neopentecostais atualmente.

¹⁷ A terceira onda pentecostal é um movimento e não uma denominação estruturada (ALMEIDA, 2021, p. 118). Os neopentecostais, aparecem num contexto urbanizado das cidades, o Rio de Janeiro, marcado pela violência e crescimento exponencial das favelas, torna-se o berço das Igrejas Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja da Graça (1980), ícones do movimento que prega sobretudo a teoria da prosperidade, teoria cunhada pelo pastor norte-americano Kenneth Hagin em 1940, que a definia como “o dinheiro e o sucesso material como consequência da ação de Deus pelo ser humano” (ALMEIDA, 2021, p. 119) característica religiosa que tem atraído muitos adeptos atualmente.

modo como realizam os cultos, alguns usos e costumes, e na crença no Deus-pai. Um paralelo metafórico naquilo que estrutura ambas, igreja e a histeria.

Assim o leitor se equipará com a teoria psicanalítica, para a acompanhar a análise das manifestações históricas que ocorrem nos cultos, expostas no último capítulo deste trabalho.

Tanto o conhecimento quanto os dados aqui apresentados se debruçam no saber psicanalítico clínico produzido por Freud e Lacan, que dedicaram vasto tempo de estudo e transmissão de conhecimento ao longo de suas vidas.

Também abordo alguns comentadores e especialistas no tema psicanálise e religião, e teólogos e sociólogos que fazem os contornos no cenário pentecostal e neopentecostal até os dias atuais e nos brindam com uma fotografia teórica e científica sobre os antigos e os novos evangélicos.

As ideias apresentadas abaixo permitem resgatar as marcas da história e que continuam presentes no presente, sobretudo quando nos dirigimos ao público evangélico – como, por exemplo; na Antiguidade, numa era marcada pela inferioridade feminina e pelo estigma de sintomas específicos para este grupo, como na Idade Média, e o caráter místico e demoníaco em torno das manifestações corporais involuntárias, no Renascimento e a crescente concepção de moralidade e loucura, daquelas que não eram compreendidas pelo saber científico biologizante, assim como a posição subjetiva de insatisfação e frequentemente passiva.

3.1 O recalque sustenta o inconsciente. Usos e costumes dos fiéis como anteparo das pulsões

É emblemática a figura do crente pentecostal, principalmente daqueles que pertencem Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Deus é Amor. Geralmente, as mulheres destas congregações podem ser reconhecidas pelas longas saias, cabelos compridos, penteados modestos, pouco ou quase nenhum cosmético e sapatos baixos, costumam seguir a postura recatada no modo de se vestir, como indica o livro bíblico de 1 Pedro, capítulo 3¹⁸ e o livro de 1 Timóteo, capítulo 2¹⁹.

Embora seja essa a recomendação bíblica, é possível reconhecer alguns aspectos sensuais no modo como se vestem algumas fiéis mais jovens, ao utilizar vestidos e saias que

¹⁸ 1 Pedro, 3:3: O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de joias de ouro, na compostura dos vestidos (BÍBLIA ONLINE, 2023).

¹⁹ 1 Timóteo, 2:9,10: Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos. Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras (BÍBLIA ONLINE, 2023).

contornam as curvas do corpo, e ao uso de calças, adereço extremamente proibido para elas nos cultos. Para Martinez (2015, p. 26), o modesto cristão considera o que está na contramão das tendências da moda que preconiza a sensualidade feminina, quando estas características aparecem, causam constantes debates entre os crentes e a sociedade, já que a vestimenta serve como “indicador do grau de santidade do indivíduo” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 52).

Os homens que fazem parte da membresia destas denominações citadas acima ostentam ternos e gravatas, cabelos curtos e constante asseio, se vestem como é de costume dos políticos, advogados e empresários considerados de sucesso pela lógica neoliberal, deste modo aspiram a ascensão econômica ao invés da santificação, como afirma os sociólogos (CAMARGO, 1973, p. 148 *apud* MARIANO, 2014, p. 195).

O número de adeptos ao pentecostalismo ainda é crescente, visto que muitos estão ocupando a cada ano novos lugares na política e espaços de influência na mídia. No censo de 2010 realizado pelo então IBGE, a classe representava 22,2% de toda fatia de religiosos no país, sendo a Assembleia de Deus a igreja com maior número de convertidos, chegando a ter naquele ano mais de 12 milhões de adeptos.

Em matéria publicada pela revista Veja, o jornalista Reinaldo Azevedo (2020) defendeu a ideia de que tal êxito se deu por conta da “favelização e a ocupação das periferias [...] resultado da migração dos anos 80 e 90”. Este cenário, vem mudando hoje em dia, principalmente com os neopentecostais, quem pertence às classes médias e mais abastadas em todo o Brasil.

Diante da busca pelo amparo e alento no meio a cidade grande, muitos adeptos destas denominações religiosas, encontram um espaço possível nas igrejas para criar laços de amizades e esteio para as angústias de existir.

A conduta por vezes rígida e a exacerbada valorização de preceitos moralistas, são vetores marcantes no discurso das Igrejas que possuem um regimento interno reconhecido em cartório e com linguagem jurídica disponível ao público, o estatuto da Assembleia de Deus, ministério de Belém denota as seguintes Cláusulas:

VII – o membro que não viver conforme as doutrinas da bíblia Sagrada, praticando:
 O adultério (Ex 20,14);
 A fornicação (Atos 151:29);
 A prostituição (AP 22:15);
 A homossexualidade (LV 18,23-24);
 Relação sexual com animais (LV 18,23-24);
 O homicídio e sua tentativa (Ex 20,13;21,18–19);
 O furto e o roubo (Ex 20,15);
 Crime previsto pela lei, demonstrando condenação em processo próprio e trânsito em julgado (Rn 13,1-7);

Rebelião (Sm 15,23);
 A feitiçaria e suas ramificações (AP 22,15; GI 5,19).
 (ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO BELÉM, 2012)

Embora as leis tenham fundamento bíblico, elas afetam diretamente a vida do fiel, uma vez que ele pode ser afastado de suas atividades na congregação ou até mesmo ser expulso.

Esses princípios garantem a sobrevivência e a unidade do grupo, já que acreditam ser este o sinal de santidade e a diferença em relação às coisas ditas “do mundo”, termo usando para apontar aquilo que está fora dos ideais cristãos. Isso é o que defende o pesquisador ao ouvir os relatos de alguns evangélicos: a Igreja está no mundo, mas não é do mundo (FERNANDES, 1994, p. 173).

Geralmente, é o pastor quem designa as normas e condutas tanto no modo de ser quanto como devem se vestir, já que devem seguir as regras para não sucumbirem às pulsões dos desejos, e às próprias inclinações pecaminosas (MARIANO, 2014, p. 190).

A vida do crente pentecostal deve ser dedicada a Deus, qualquer atividade que não tenha esta conotação pode ser taxada como impudico. Na pesquisa do sociólogo citado acima, é possível identificar algumas atividades que eles disseram não praticar com alguma ou nenhuma frequência, como; fumar, beber álcool, dançar, sexo extraconjugal, ir a festas, pular carnaval, frequentar boates, bares, ir ao motel com o cônjuge, ir à praia/piscina, ir ao cinema, ir ao teatro, ver TV.

Vale salientar que grande maioria se abdica destas atividades, sobretudo os mais velhos, visto que os jovens fazem ou já fizeram algumas destas ações proibidas e continuam frequentando os cultos, ou seja, nada garante que tais Leis permaneçam intactas atualmente.

Apesar de tudo, essas atitudes corroboram a crença na influência do Espírito Santo, que rezam por rituais como a Santa Ceia, onde revivem a orientação de Cristo, de comer do corpo e beber do sangue simbolizados no pão e no vinho, a fim de serem purificados de seus pecados e o batismo nas águas, momento crucial para o cristão, uma vez que, ao mergulhar e submergir, acredita ter se transformado numa nova criatura, apagando, dessa forma, o passado quase sempre repleto de devassidões.

A conduta estritamente moralista e a contradição que estes atos e costumes, nos revela, pelo viés da psicanálise, aquilo que Freud já anunciara em seu tempo, sobre a origem do mal-estar na cultura: o recalque.

A tradução da palavra alemã *Verdrängung*²⁰, “recalque” em português, é o ponto-chave do fenômeno inconsciente, aquilo que cinde o ser. É graças ao recalque que há censura frente ao perturbador das representações pulsionais mais desconfortáveis, que investido de libido sexual, permanece no inconsciente e em confronto com o Eu. No caso dos evangélicos, não é diferente. Segundo o sociólogo escreve:

A ética fraternal da religião da salvação, frisou Weber (1982; 393) está em tensão profunda com a maior força irracional da vida; o amor sexual. Quanto mais sublimado é a sexualidade, e quanto mais baseado em princípio, e coerente, é a ética da salvação da fraternidade, tanto mais aguda a tensão entre o sexo e a religião (MARIANO, 2014, p. 192).

Este confronto interno é capaz de gerar sintomas corporais na histeria e atividades enigmáticas, como vimos na Idade Média com o fenômeno da dança maníaca, muito semelhante ao estado de êxtase ao sentir-se tocados pelo Espírito Santo como acontece com alguns crentes nos cultos pentecostais.

Na histeria, é predominante o teor sexual recalçado em algum conteúdo psíquico, sobretudo nas experiências vividas na infância. Essas experiências ou fantasias – podem ser deslocadas, recusadas ou convertidas ao longo do crescimento, mas ganham forte ajuda do Eu quando em fase de puberdade – uma vez que o senso moral e a educação balizam a conduta dos meninos e das meninas, e reforçam a abnegação dos seus anseios frente à sociedade. É dessa perspectiva que nasce o Ideal do Eu fruto da estrutura um tanto tirana do super-ego.

Todavia, a renúncia dos desejos, ainda que inconscientes, não deixam o sujeito livre da tensão. Cada vez mais, mesmo que use de artifícios místicos para defender-se, é o afeto em torno dos representantes recalçados que voltam deslocados em diferentes situações do dia a dia, a fim de obter a satisfação parcial da pulsão, outrora obtida, isto também acontece via sonhos, chistes, atos falhos e sintomas.

É a famosa frase: “o histérico sofre sobretudo de reminiscências” (FREUD, 2016, p. 25), que denota bem o papel dos restos de lembranças infantis, revividas como fonte de sofrimento e de desejo na histeria.

Se aproximamos o conceito de recalque com a ideia de santificação, bem como os usos e costumes reforçados pelos pastores, é possível encontrar o lugar do Mal, projetado para fora

²⁰ Também sendo reconhecido por “repressão”, o termo gera discussão no meio psicanalítico. No *Vocabulário de Psicanálise*, Laplanche e Pontalis escrevem: “(A) No sentido próprio: operação pelo qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão, susceptível de pôr si mesma proporcionar prazer – ameaçaria provocar o desprazer relativamente a outras exigências” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 553).

do sujeito; a expressão “*tá amarrado em nome de Jesus*” é um exemplo desta denotação projetiva, ela aparece quando alguma ideia perturbadora é dita ou ouvida, funcionando como uma espécie de defesa contra qualquer tipo de pensamento impuro, logo, fora do sujeito.

No *Diabo amoroso e Deus odioso*, Marcio Peter de Souza Leite, escreve:

Ele sugeriu (Freud nos estudos sobre a histeria) que o diabo seria uma parte da mente do indivíduo que, por não poder ser aceita por ele mesmo, devido ao seu conteúdo conflitivo, seria expelido para o mundo exterior. Isso só seria possível depois de uma “divisão da mente”. Para explicar, Freud sugeriu que uma parte da mente do paciente se encontrava no que ele chamou de estado hipnoide. Essa parte estaria preparada sempre que houvesse um lapso no pensamento de vigília, para assumir o controle sobre o psiquismo inteiro (LEITE, 1991, p. 103).

As ideias que circulam a existência do Mal também poderão ser consideradas agente possível para liberar o crente, ainda que de modo deslocado, das próprias tensões psíquicas. Este é o fenômeno e exemplo claro, de como opera o inconsciente freudiano na vida das fiéis.

Outra função encontrada no recalque vem ao encontro do fenômeno de apaixonamento na figura do líder. Para Segundo Freud (2011) em *psicologia das massas e análise do Eu* o indivíduo é capaz de recalcar suas pulsões a fim de investir no objeto idealizado pelo grupo, seu amor libidinal, que em determinadas igrejas pentecostais, são os pastores, apóstolos ou bispos os líderes que cuidam e guiam as ovelhas perdidas.²¹

Geralmente, muitos pastores apresentam boas roupas e *status* financeiro diferenciado dos demais, expressam ar de sabedoria e serenidade ao lidar com os infortúnios da existência; considerado por muitos como a ponte que liga o crente a Deus, é requerido em momentos especiais na vida do fiel, seja no casamento, ou seja, no funeral.

Muitas ideias de perfeição cercam a imago deste líder, que colocado como ideal, se predispõe de palavras e sugestões aos desamparados e oprimidos.

Uma vez que a figura do líder é idealizada, a libido sexual está altamente investida nele, entretanto, os fiéis recalcam o conteúdo sexual desta relação fraterna entre fiel-pastor, pois não pode ser reconhecida nem nomeada, pois seria considerado um pecado.

A libido retorna ao Eu de modo narcísico, tornando o indivíduo altamente influenciável por aquilo que o pastor diz e faz, criando assim, um “estado hipnoide” muito característico nas manifestações histéricas.

²¹ Atos 20:28 “Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue. Os pastores, são aqueles que cuidam de outras pessoas assim como o pastor de ovelhas, e estas consideradas ovelhas o seguem em busca de orientação”. (BÍBLIA ONLINE, 2023).

Segundo Lacan, em seu retorno a Freud, a hipnose é característica da fascinação coletiva por haver no olhar daquele que vê uma mancha, que precede o sujeito, o olhar do hipnotizador que ocupa de modo idealizado o objeto *a* – causa do desejo, esta é a definição estrutural mais segura que já foi avançada (LACAN, 2008, p. 264).

Na modernidade, o médico sugestionava com palavras a força das pulsões no corpo, das pacientes, que representavam com movimentos involuntários o conteúdo sexual recalcado, o que seria visto hoje em dia como movimentos espirituais, seja da ordem santa ou demoníaca nas Igrejas pentecostais e neopentecostais. Os pesquisadores complementam a hipótese:

Essa origem é obviamente sexual e se denuncia naquilo que extravasa, isto é, no que foi pouco ou mal sublimado e aparece sob forma espetacular do êxtase e da possessão demoníaca (MELLO NETO; SILVA JUNIOR, 2010, p. 08).

3.2 O Nártex onde todos passam: Complexo de Édipo & Adão e Eva?

O livro de Gênesis, como a própria etimologia aponta, é o início de tudo, o primeiro e principal mito cristão sobre a origem do mundo e das coisas que há nele, incluindo, os primeiros laços familiares e a relação com o pecado, trabalho e os sentimentos hostis provocados pela tentação do Mal.

A história conta o advento da sociedade, vindo do primeiro casal heterossexual, Adão e Eva, que foram expulsos do paraíso por desobedecerem às ordens de Iavé.

No conto mítico²², há uma serpente astuta e provocadora que induz Eva a comer o fruto proibido. Nesse fruto estava o conhecimento. Ela oferece para que Adão também possa comê-lo. Após experimentar o fruto, sentem-se envergonhados ao se deparar com a diferença sexual de ambos, despertando uma certa malícia em torno dos órgãos genitais. Dessa forma, começaram a explorar o mundo e a sexualidade fora do jardim. Tempo depois, nasceu Caim, quem atenta, contra a vida do irmão Abel, tomado pela inveja e cobiça; sentimentos impróprios da vontade divina.

Esse mito traz na bagagem a ilustração de um paraíso perdido, subjetivamente, um lugar de satisfação plena e regido pela ordem de alguém maior e detentor da vida. Quando aqueles seres se depararam com as próprias questões sexuais, e o desejo, foram condenados a falta e ao conflito de ordem moral.

²² A história completa está disponível no capítulo 3-10:15 de Genesis (BÍBLIA ONLINE, 2023).

Além disso, é na condição de mito que essa história bíblica, nos ajuda a relacionar o campo simbólico e a verdade que ela traz sobre a subjetividade dos crentes, também os históricos em relação aos laços de afeto, e as figuras do pai e da mãe, pois, como define Lacan:

Se nos fiarmos na definição do mito como uma certa representação objetivada de um epos²³ ou de uma gesta que exprime de maneira imaginária as relações fundamentais características de certo modo de ser humano numa determinada época, se o entendermos como a manifestação social latente ou potente, virtual ou realizado, pena ou esvaziado de seu sentido, desse modo de ser, então é certo que podemos encontrar sua função na vivência mesma de um neurótico (LACAN, 2008, p. 9).

Além do mito, carregar em si a estrutura semelhante ao circuito neurótico, são os elementos simbólicos contidos nele, que transmitidos pela fala, apresentam o sujeito para ele mesmo, para além do que pode ser compreendido pela consciência.

O mito de Gênesis apresenta, através da linguagem, a relação com Os-Nomes-do-Pai e sua função simbólica frente ao desejo materno e ao Real, representado pela onipresença de Deus, sempre inapreensível e fora da palavra – assim como a morte ou a experiência transcendental/mística, que atravessa os ensinamentos e condutas dos fiéis dentro das Igrejas.

É nessa relação lógica mítica que trago a comparação ao que Freud elaborou para a universalizar suas ideias em torno da psicanálise, utilizando a peça de Sófocles *Édipo Rei* como ferramenta para explicar as pulsões humanas, grosso modo, aquilo que movimenta o sujeito em busca da satisfação.

O mito conta a história de um filho rejeitado e que sem ter o devido conhecimento, estava condenado pelo destino a se apaixonar pela mãe Jocasta, Rainha de Tebas. Ao salvar o reino da Esfinge que assolava a cidade, Édipo mata o então Rei e desposa a rainha. Sem saída frente a ordem dos Cosmos, cumpriu tal fim, e ao descobrir o grau de parentesco sanguíneo, feriu os próprios olhos para punir-se contra o sentimento de amor e o ato sexual que havia consentido com a própria mãe. Condenando a si à desgraça e ao sofrimento para a vida toda.

Considerando o simbólico do mito, do amor incestuoso/fraternal – Freud elabora a teoria que apresenta a psicanálise para o mundo, como um Nártex da igreja, da qual todos passam por ele – o complexo de Édipo.

Para Lacan, a estrutura edipiana não se limita a 3 elementos – pai, mãe e falo. Ele acrescenta a morte ao complexo, sempre imaginária. Ambos os mitos carregam esta ameaça

²³ De acordo com a definição do dicionário Michaelis, a palavra *epos* significa: 1. Estágio elementar da poesia épica. 2. Poema épico que exaltava séries de acontecimentos que forneceram temas para a poesia épica. 3. Gênero épico ou epopéia (MICHAELIS, 2023).

como plano de fundo, visto a ameaça de Deus e da Esfinge, seguimos no que ele escreve no texto *O mito individual do neurótico*:

Com efeito, é da morte, imaginada, imaginária, que se trata a relação narcísica. É igualmente a morte imaginária e imaginada que se introduz na dialética do drama edipiano, e é dela que se trata na formação do neurótico – e talvez, até certo ponto, em algo que vai muito além da formação do neurótico, a saber, a atitude existencial do homem moderno (LACAN, 2008, p. 25).

Se essas histórias nos fazem lembrar do nosso destino – a morte, e logo o vazio do ser, é preciso aproximar tais mitos do fenômeno religioso pentecostal, que tem como discurso a vida no paraíso após a morte, e explorar o advento da fantasia que tenta recobrir o triste fim de Édipo em nós e as angústias relacionadas às vicissitudes da vida, como retratam ambas as histórias.

Para prosseguir com esta comparação, é fundamental definir um ponto de partida: o desejo *a priori* do casal primordial – o pai e a mãe, depositados no filho, ainda inexistente, os moldes sociais e os anseios pessoais, cada qual com seu reduto de linguagem e cultura; inventam nomes, profissões, identidades, designam o gênero. Criam um Éden imaginário para a vida desse que ainda está por vir.

De todo modo, o bebê é quem designa um novo sentido na vida dos pais – ao nascer, ele é entregue aos cuidados do grande Outro-materno, quem embala, fala e estimula o corpo do infante – termo usado, em psicanálise, para aquele que não fala (ainda), tornando-o erógeno. É nesta fase, anterior a linguagem, que o rebento experimenta no próprio corpo todos os estímulos e sensações, prazerosas e desprazerosas, “experimenta o nada, o caos e o Espírito de Deus, talvez flutuando sobre as águas – mas sem comunicação com Ele” (LACAN, 2008, p. 29).

É neste estado de êxtase, longe da morte, que o bebê garante a sua satisfação. Entretanto, como Adão e Eva foram expulsos do paraíso, assim o bebê também pode se sentir ao se deparar com a presença-ausência da mãe. Um terceiro elemento, aqui consideramos chamá-lo de Faló, que ainda não é o pai, aponta para essa falta.

Enquanto cresce, identifica-se como separado e reconhece o pai ao ser banhado pela linguagem, faz da falta um meio de direcionar a própria demanda, traduzida pela língua aprendida, fruto de um trabalho psíquico de tentar assimilar as palavras aos desejos e ao reconhecimento deste Outro, sobre aquilo que lhe falta.

É deste ponto que o bebê sente a angústia da perda, já que o simbólico o impossibilita de preencher-se ou descarregar totalmente as pulsões. Sem saída, é somente pela via da linguagem que a fala pode ser endereçada ao Outro-mãe, pois é ali onde se encontra o código, o qual acolhe ou não a demanda do bebê (LACAN, 1958, p. 405).

Mantendo a relação metafórica entre os mitos e a religião, Júlia Kristeva, psicanalista e escritora do livro *No princípio era o amor*, sobre o tema das religiões, acrescenta o advento da fantasia, sobre este momento de prazer interrompido da criança e o compara com o próprio cristianismo, segundo a autora:

O cristianismo é a religião que mais carregou o impacto simbólico e corporal da função paterna para o ser humano. A identificação a essa terceira pessoa separa a criança do corpo-a-corpo jubiloso e destruidor com a mãe, e a faz sujeito de uma outra dimensão, a da simbolicidade em que se desenrola, para além da frustração e da ausência, a linguagem. Mas que isto pode insistir nessa função paternal, o cristianismo conduz à formação pré-consciente dos fantasmas essenciais, que margeiam os desejos dos homens (KRISTEVA, 1985, p. 52).

A função paterna pode ser então entendida pela inserção da linguagem e a expulsão do paraíso que sente o bebê ao se separar do corpo materno, que traz à tona a presença da fantasia inconsciente.

Como nos filmes, livros e personagens da ficção, os evangélicos vivem batalhas espirituais constantes - a partir de uma situação imaginária, é a fantasia que inventa e reconhece outro mundo repleto de anjos, demônios, monstros, ancestrais, vampiros, *aliens*, unicórnios, e dá vida à matéria inanimada (ZWAN, 2022, p. 03).

Fantasias que também estão presentes dentro das igrejas, operando como alicerce em alguns casos para a manifestação histórica, tidas como demoníacas ou espirituais, graças ao que permite ser atuado e manifestado durante o culto, fruto ou não da linguagem.

3.3 O púlpito: tudo gira ao redor dele. O falo na histeria e o sentido do discurso neopentecostal

Para quem acredita que a religião evangélica está ultrapassada, os membros das igrejas da onda neopentecostal brasileira são a prova viva de que houve transformações radicais, em termos de usos e costumes e na interpretação dos textos bíblicos, se comparado aos pentecostais, seus antecessores.

O prefixo “*Neo*”, novo, indica que foram eles que atualizaram a nova identidade do que é ser (ou ter?) cristão atualmente, seguindo os moldes do neoliberalismo, muitos são reconhecidos pelas roupas despojadas, camisetas com frases bíblicas e bijuterias com frases positivas escritas em inglês, nos termos dos sociólogos eles funcionam como “individualismo-coletivista” (VALLE; SARTI, 1994).

Fazem parte desta classificação, as igrejas Universal do Reino de Deus, Sara Nossa Terra, Igreja internacional da Graça e Renascer. Reconhecidas pela luta contra o mal, e pela teoria da prosperidade, propagada originalmente pelo pastor americano Kenneth Hagin, muitos adeptos da vertente neopentecostal atravessam as cidades para frequentar as sedes, que, quase sempre estão localizadas ao centro, em lugar de prestígio.

Com despojada arquitetura, excêntrico jogo de luzes e amplamente abertas, estas igrejas lembram algumas lojas de departamento conceituadas no mercado, como a Universal do Reino de Deus e as Lojas Havan, e a Igreja Lagoinha, que possui um espaço para culto num *Shopping*. Duas imagens nos ajudam a ilustrar esta comparação:

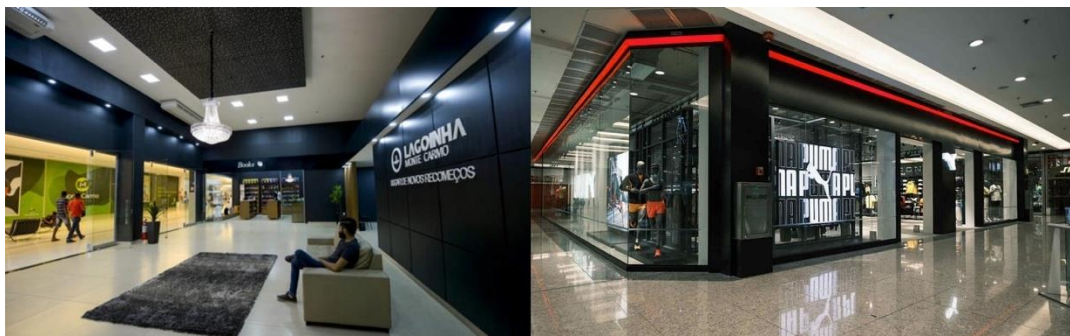
Figura 3 – A esquerda a Igreja Universal do Reino de Deus. A direita Lojas Havan em Resende no Rio de Janeiro.



Fonte: Clickpb (2015); Havan, (2022).

Seguindo um modelo de franquias, a Igreja Universal mantém os parâmetros e fachadas de suas sedes, assim como as empresas fazem. Outro exemplo que reforçam tais semelhanças, é o caso da Igreja Batista da Lagoinha, que facilmente pode ser confundida com qualquer outro estabelecimento comercial, no caso as lojas Puma, possui um esquema de cores parecido ao visual do exemplo.

Figura 4 – A esquerda, Igreja da Lagoinha, montada no shopping Monte Carlo, em Betim-MG. A direita Puma inaugura shopping Metrô Tatuapé, em São Paulo, sua primeira loja no Brasil.



Fonte: LOPES (2018); MKT Esportivo (2022).

Em matéria publicada pela jornalista, Leiliane Lopes ao portal mineiro, JM notícia, de Minas Gerais, a igreja foi estrategicamente posicionada a fim de alavancar o fluxo de pessoas e as vendas das lojas ao redor. Na entrevista com o próprio gerente do shopping, ele afirma: “A igreja é um ‘*case*’ de sucesso, que se converteu em aumento de receita para inúmeras operações do shopping”, disse César Miranda, gerente do shopping, ao jornal O Estado de São Paulo (LOPES, 2018).

Seguindo da lógica do livre mercado, do consumo como fonte de obtenção de prazer, as igrejas neopentecostais reafirmam a presença do crente em relação ao mundo e incentivam a dominação dos espaços públicos e privados, bem como a integração com as pessoas “não crentes”. Nos cultos inflamados, os pastores pregam sobre a “vida próspera, saudável e feliz neste emundo” (MARIANO, 2014, p. 44).

Geralmente, os púlpitos destas igrejas são bem centralizados e luminosos – os músicos, dispostos ao lado, endossam o clima com louvores ao fundo, criando uma egrégora catártica e repleta de sensações emocionais. O púlpito, assim como o falo, é o lugar que ordena o sentido, da palavra e da inspiração divina-Outro. Capaz de orientar aqueles que ouvem.

Na definição lacaniana do conceito de falo, é a dialética do ter e o ser que entra em jogo, numa dinâmica que envolve a demanda de amor e a falta, sendo o falo proveniente da barra que separa o sujeito, ele é um significante e não um objeto ou órgão sexual, em *significação do falo* ele define como:

Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intrassubjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquilo que ele mantém envolto de mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos do significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante (LACAN, 1998, p. 697).

É justamente o púlpito o lugar de revelação dos mistérios, vindas do grande Outro – Deus, pela inspiração do pastor que ali está disposto de corpo e alma, lugar que, ao mesmo tempo, mascara a falta, com a promessa de vida cujo sentido é não lidar com aquilo que não se tem, usando da fé para tamponar qualquer brecha vazia, e pretende colocar no grande Outro a resposta para as aflições e providências das situações problemáticas de existir bem como os próprios anseios, tal qual acontece na histeria.

É muito comum que nas orações, os fiéis peçam algo a Cristo, em tom de ordem ou demanda, de acordo com publicação ao jornal *Folha de São Paulo* o pastor Edir Macedo relata a conduta do fiel em relação a isto, ele diz: “Nós ensinamos as pessoas a cobrar de Deus aquilo

que está escrito. Se Ele não responder, a pessoa tem de exigir, bater o pé, dizer ‘estou aqui, estou precisando’ (MACEDO, 1991 *apud* MARIANO, 2014, p. 162).

A demanda do dinheiro e da vida plena, leva o sujeito a imaginar que suas satisfações serão sanadas, as dores receberão cura e o vínculo com Deus se tornará cada vez mais próximo e inabalável – se, antes de tudo, forem obedientes e assíduos nos cultos e nos dízimos mensais.

O contraditório, nos ajuda a pensar Mello Neto e Silva Junior (2010) é justamente no manejo desta insatisfação que a fé se mantém, sempre no tom de esperança, como uma prova de amor de que amanhã será um dia melhor e a benção os alcançará se persistirem, apesar das demandas não serem supridas sempre que pedem.

Na histeria isto também ocorre, pois é a insatisfação a característica e a posição subjetiva marcante da estrutura, é aquela quem sempre se queixa da perda, do sofrimento e da falta ligeiramente exacerbada, falta causada por um pai que lhe roubou o lugar no desejo da mãe. Isso acontece ainda na formação do complexo de Édipo, ao depara-se com um Outro-materno inconsistente, faltante e desejante de algo além do bebê.

No momento em que a criança se identifica com aquilo que falta para este Outro, encontra um modo histérico de satisfação, ao desejar ser o falo, significante que irá preencher a falta do Outro-materno, mantendo-se assim numa posição sempre impossível – e insatisfatória.

A feminilidade, devido ao papel social, que está posto na cultura, levanta questões pertinentes ao redor do conceito de falo na psicanálise, uma vez que, no complexo de Édipo, a incógnita acerca da sexualidade sempre está presente na vida da criança, envolve o ser da menina, em contrapartida, do ter ao lado dos meninos.

Para simplificar – podemos ilustrar o reconhecimento de possuir algo, no caso, aquilo que falta à mãe, fazendo marca no campo simbólico enquanto significante, isto traz sentido para o sujeito – este é o falo que se situa a histórica.

Tratando do sexo feminino, a menina, ao se deparar com a falta de um significante no próprio corpo, busca a identificação ao pai possuidor do pênis (significante que marca a diferença sexual), no intuito de ser reconhecida e desejada por este-Outro, uma vez acessado o lugar do código e do tesouro dos significantes na linguagem, ela garante imaginariamente a satisfação plena em ser a mulher toda-fálica, completa.

Todavia, como transmite Lacan (1998) em seus estudos, ela clama por uma presença-ausência, como na relação materna, “prenhe do Outro”, que está aquém das necessidades.

É nessa posição que ela mantém o desejo insatisfeito, reduzindo-o à demanda de amor e disposta a sacrifícios, para não reconhecer que o grande Outro, seja mãe, ou seja, Deus, tem

um vazio impossível de ser completado – e que nela também falta um significante, que é a angústia de castração na histeria, e o sentido insistente nas orações pedantes de muitos fiéis. Do qual o discurso da prosperidade calibra a relação entre fiel-demanda-Deus, fazendo do dinheiro um mediador fálico, que funciona como uma barreira entre sujeito e Outro, ora caridoso feito Deus, ora tenebroso feito o Diabo.

O momento da palavra é a principal parte do culto, na igreja pentecostal o púlpito também é um lugar consagrado, principalmente na Assembleia de Deus, cujas práticas litúrgicas costumam ser “barulhentas” (SOUZA, 2004, p. 08) as mulheres que ocupam este lugar, carregam, em grande maioria, posturas marcantes; falam em línguas estranhas, cantam e enviam previsões para os fiéis que ali estão, e ainda envolvem todos com palavras fortes e postura altiva quase ao mesmo tempo, como se masculinas fossem, se consideramos que elas estão naquele momento atuando como sendo o falo para o Outro, como na masculinidade, de um modo mascarado, e assim, nos lembra Lacan (1998), que nesta troca de ser o falo, “há uma parcela da feminilidade perdida”.

Afinal, a pergunta que constantemente se interrogam é: “o que é ser mulher?” (PAIVA, 2000, p. 69) – É neste sentido, que em torno dos papéis sexuais atribuídos pelo grande Outro, enfatizo a cultura, família e a própria religião, que a mulher histórica rodeia a própria condição de ser.

A igreja, seja ela pentecostal ou neopentecostal, facilita o acesso da histórica na posição de ser o falo para o Outro, ainda que de modo teatralizado, mascarado.

É o sentido dito ali que alcança a subjetividade de quem, de modo passivo, espera do Outro o amor da qual ela mesma, imagina que se entregará de corpo e alma. Do lado ativo, ao segurar o microfone e ter a voz ampliada, é disparado um discurso repleto de palavras bonitas, redundantes e saturadas, que “exibem um modo neurótico de expressão” (PAIVA, 2000, p. 87) muito característico na defesa histórica em negar a própria castração.

É também a sedução que acontece nestas falas ditas no púlpito, enquanto é possível utilizar as palavras, inspirada por Deus, palavras recheadas de sentido e poderosas, capazes de alcançar um gozo neurótico e atrair o olhar do outro.

3.4 À sua imagem e semelhança: a identificação enquanto sintoma na histeria e a organização da igreja

Nas igrejas pentecostais, homens e mulheres ocupam lugares distintos de assento, geralmente as mulheres ficam à esquerda enquanto os homens, a direita. Isto é prática frequente

na Assembleia de Deus, Deus é amor e Congregação Cristã do Brasil – nesta última, é indispensável o uso do véu como adereço de sinal de santidade, dignidade e devoção – ao colocá-lo, as irmãs se portam como “noivas” protegidas e subordinadas a hierarquia, do qual Deus é o primeiro, em seguida vem os anjos, homens e depois elas.

No livro do apóstolo Paulo, 1º Coríntios, capítulo 11 e versículo de 3 a 7, ele orienta ao uso do véu à todas as irmãs que congregam nas igrejas, caso não queiram “tosquiar-se”. Para o teólogo Valtair Afonso e coautor do livro *Manual de angeologia*, o véu protegia as mulheres dos anjos que acompanhavam os cultos, pois na crença judaica há livros e histórias que apontam ter havido casos de “relações proibidas” entre as crentes e os anjos, antes do nascimento de Cristo (MIRANDA, 2017, p. 317).

Estes relatos estão descritos no livro de 1 Enoque, conhecido pela classe judaica como anteriores ao antigo testamento, que confirmam a presença de Anjos na Terra e nas possíveis relações que eles tinham no dia a dia das pessoas, os seres celestes serviam a Deus com o propósito de serem testemunhas dos atos humanos e mantenedores da ordem.

Apesar dos evangélicos não terem como orientação os livros judaicos, o apóstolo Paulo é o principal representante pentecostal e líder do cristianismo até os dias atuais, já que as igrejas comungam da palavra falada, escrita e inspirada no que ele escreveu.

Ao que se refere à psicanálise, é a ordem que separa os sexos masculino e feminino, e o uso do véu como elemento protetor contra as provocações que poderiam atrair o desejo dos anjos, que me levam a considerar a própria sexualidade como agente organizador dos grupos, assim como a identificação entre os membros de cada conjunto, sobretudo nas mulheres, que por não se inscreverem totalmente na ordem fálica, possuem um modo singular de identificação tanto do grupo quanto do próprio gozo, como Lacan salienta, trata-se de um gozo do Outro – “fora da linguagem” (FINK, 1998, p. 135), divino, celestial – tal qual os anjos se apresentam! E intrínseco a identificação em busca do feminino ideal, identificando-as a si mesmas como a “noiva” de Deus. A imagem pode ilustrar o que acontece dentro dos templos da Congregação do Brasil:

Figura 6 – As mulheres da Congregação Cristã do Brasil



Fonte: Culto Online (2022)

Figura 7 – A divisão entre os sexos no culto



Fonte: CCB Mensagens (2016)

Apesar de outras congregações não usarem o adereço do véu, o cabelo longo que cobre boa parte de trás do corpo, faz a metáfora do que seria o pano sobre a cabeça. Muitas pessoas exibem seus cabelos nos dias de cultos, ou optam por prendê-los, mantendo, num contexto geral, uma aparência muito semelhante entre si.

Não só o cabelo, como as roupas longas, voz poderosa, palavras fortes, gestos e interesses compõe a identificação do grupo das mulheres fiéis a Cristo. É possível ilustrar esta identificação, assim como o cabelo semelhante ao véu da noiva na imagem:

Figura 8 – As mulheres da Assembleia de Deus



Fonte: Mulher Cristã (2023)

O processo de identificação acontece ainda na fase pré-edípiana do sujeito, é por via do olhar do Outro que a constituição imaginária do Eu é estabelecida, na histeria a identificação escópica é um traço preponderante (LEITE, 2010, p. 40) tendo os pais como referência de como ser e estar na dialética de presença e ausência, que o bebê encontra um ponto de ancoragem sobre o próprio corpo imaginário.

Como estudado por Lacan no caso Dora, há um elemento sintomático nesta identificação, ela se “mesmeriza” no Outro, em busca da completude que lhe falta, pois assim supõe superar a condição de castrada herdada pela inscrição da linguagem no sujeito.

Ao entrar no campo simbólico, é próprio da separação dos sexos a identificação que ordena o destino sexual e sexuado do bebê, que finda o complexo edípiano na eleição de um objeto de investimento libidinal, seja ele masculino, ou seja, ele feminino, desviando dos pais e de si a fonte de satisfação.

Todavia, na histeria é a insatisfação e a denegação da identificação os traços pertinentes do sintoma, também encontrados no modo em como as igrejas pentecostais se organizam, separando os sexos e desta forma desenhando o que é ser homem e mulher e seus modos de gozo.

Os sintomas provenientes desta denegação da identificação sexual inconsciente, servem de suporte contra a angústia de ser o objeto para preencher aquilo que falta ao Outro, pois ao se identificar com o Outro, a histérica se livra de elegê-lo como fonte de satisfação.

Dora pode servir de exemplo, quando ao queixar-se de tosses sucessivas e incuráveis, lembrou que “tossir” era um traço da identidade do pai, que tanto amou e nutria fantasias de ser a única, o objeto de desejo dele.

É próprio do sintoma, aqui a identificação ao sintoma do outro, aparecendo como máscara visando o reconhecimento e a satisfação pulsionais às avessas, um modo de gozo, Lacan diz:

Ele indicou, por outro lado, que no próprio sintoma há alguma coisa que se assemelha a satisfação, só que é uma satisfação cujo caráter problemático é muito acentuado, uma vez que é também uma satisfação às avessas. Evidencia-se desde logo, portanto, que o desejo está ligado a alguma coisa que é sua aparência, e para dizermos a palavra exata, sua máscara (LACAN, 1957, p. 331).

Os sintomas estão evidentes nos cultos, principalmente quando é o próprio sujeito que apresenta para o grupo, partindo de suas queixas, dores, choros e tristezas.

Estas manifestações são extremamente simbólicas, trazem sentido quando falados, na cadeia de significantes revelam o conteúdo recalçado, esquecido, rejeitado – “a erupção da verdade” como diria Lacan no *Escritos*.

A igreja oferece a possibilidade de união por meio de sintomas e de identificação com eles, pois o enredo das manifestações espirituais, funciona como um curto-circuito pulsional, eletrocutando todos ao mesmo tempo, de maneira muito semelhante, sobretudo quando estão recebendo o Espírito Santo e tremem o corpo inteiro, como se estivessem recebendo uma carga elétrica.

Para a pesquisadora das manifestações históricas, “o dispositivo grupal é a fonte de excitação histerógena e é dentro do grupo que o histórico encontra seu espaço de manifestação” (PAIVA, 2000, p. 96).

O véu é o que envolve, assim como a máscara, é o meio pelo qual a histórica se posiciona diante do outro. Ela apresenta-se teatralmente e se esconde nas identificações com o desejo do Outro, seja de Deus ou da própria comunidade, mas se revelam sobretudo nas identificações fracassadas, que remetem às fantasias sexuais e voluptuosas da fase Edípiana de um outro outrora inesquecível e eternamente buscado, amado e louvado.

3.5 A Santa Ceia: o rito do qual a histórica se reconcilia com a função paterna

Na noite em que foi traído, Jesus recomendou aos discípulos presentes que comessem do pão e tomassem do vinho, em memória da vida dele na Terra, pois este ato representaria a renovação do laço com seu corpo e sangue, bem como a remissão dos pecados, como acreditam os evangélicos ter sido o motivo da morte de Jesus na cruz dias depois da dita ceia, conforme o pastor e *influencer* digital, Antônio Junior (2020) – Jesus teria feito este ato, para criar uma aliança entre Deus e os homens.

As igrejas pentecostais fazem o rito da Santa Ceia pelo menos uma vez a cada 2 meses, ou mensalmente – geralmente os fiéis são assíduos na Igreja e foram batizados nas águas antes, os que são tidos como desviados ou não-batizados, mostram um certo caráter inadequado para participar do rito e, por isso, são dispensados em algumas denominações²⁴.

A Santa Ceia costuma ser dentro dos templos e o vinho é substituído por suco de uva, já que não usam álcool, e o pão, é um pequeno pedaço de “bisnaguinha” ou pães do tipo forma.

²⁴ 1 Coríntios 10:21 “Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios” (BÍBLIA ONLINE, 2023).

A cerimônia pretende comemorar a vida de Cristo, mas também, lembra da morte dele. Cristo, o filho de Deus, o verbo encarnado para salvar a sociedade, pelo amor e devoção a Deus, segundo o livro de Isaías, morreu apedrejado, chicoteado, humilhado e pregado numa cruz para que a humanidade fosse curada²⁵.

Para os evangélicos este evento marca o sacrifício divino, que cedeu em cifra de carne, o próprio filho para que os homens fossem salvos, e após isto, reconhecessem o advento do Espírito d’Ele sobre a Terra através dos dons de cura e expulsão de demônios²⁶

Na pesquisa antropológica de Sigmund Freud escrita no livro *Totem e Tabu* (2014), as tribos aborígenes encontradas na Austrália, livres dos costumes ocidentais, apresentavam ritos e mitos em torno da ideia de morte e principalmente sobre o pai-morto.

Os aborígenes se organizavam respeitando a hierarquia – o mais velho e pai de todos, detinha do saber sobre o desejo das mulheres e garantia a providência e proteção do clã, e por esta razão, quando morto, era tratado como *Totem*, na definição Freudiana ele expõe o termo como:

Um totem, escreve Frazer em seu primeiro ensaio, é um objeto primordial ao qual o selvagem presta um respeito supersticioso, pois acredita que entre sua própria pessoa a cada objeto dessa categoria exista uma relação bem especial [...]. A ligação entre um homem e seu totem é recíproca. O totem protege o homem, e o homem demonstra seu respeito pelo totem de diversas maneiras (FREUD, 2014, p. 159).

Ao lidar com um pai morto, totêmico, atribuindo-lhe poderes que visam proteger os filhos, comparo o mito Freudiano ao pai simbólico–Cristo, ao lado do ritual da Santa Ceia. O mito, como já foi mencionando, é capaz de transmitir algum conhecimento sobre a subjetividade humana.

A semelhança entre a figura do Espírito Santo, os objetos que nos dão de amor e devoção, como o pão e o vinho, e o amor ao pai poderoso, nos diz algo sobre o totem cristão – a organização do grupo em hierarquias e o afastamento das pulsões agressivas e sexuais entre os membros do clã, uma vez que o Pai totêmico australiano instaurou a Lei da exogamia, ou seja, o casamento e as relações sexuais eram permitidas fora dos laços familiares nas tribos

²⁵ Isaías 53:4-5: “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados (BÍBLIA ONLINE, 2023).

²⁶ Atos 1:8 “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” (BÍBLIA ONLINE, 2023).

aborígenes, prevalecendo deste modo a proibição ao incesto – o senso moral nasce da repressão daqueles que ferem o sentido da Lei paterna compartilhada entre eles, nos diz Freud neste texto.

A hierarquia é característica marcante das organizações pentecostais, a exemplos das igrejas Assembleia de Deus, que estão distribuídas em um sistema administrativo piramidal, normalmente obedecendo à estrutura onde a Igreja-sede ocupa lugar de destaque, tanto no aspecto administrativo como no simbólico (FAJARDO, 2015, p. 3).

O autor salienta que embora algumas denominações, reconhecidas por Madureira ou Belém, as mais populares em São Paulo, possuam sedes menores espalhadas pela cidade, algumas sedes são autônomas juridicamente, apesar disto, estão unidas pelo laço “fraternal” e histórico.

A hierarquia não se restringe apenas as igrejas; internamente há cargos, começando pelos pastores, pastores, líderes, vice-líderes, co-pastor, evangelista (quem espalha o evangelho pelas regiões próximas à sede), presbíteros (auxilia o pastor nas tarefas administrativas), diácono (quem cuida da entrada das igrejas e das manutenções materiais assim como a organização do espaço), cooperador, superintendente (quem ensina nas escolas dominicais), líder (geralmente o responsável pelo grupo de louvores), Membros e Catecúmenos (quem está próximo de ser batizado nas águas).

Além do organograma, os membros tratam reciprocamente com o simpático: “A paz do senhor, irmão” – considerando ser filho do mesmo pai, logo pertencem à mesma família espiritual e ao mesmo clã.

Mas com a diferença de que eles podem se casar entre eles, desde que façam sexo depois do casamento, caso contrário, poderão ser castigados por Deus e serão restituídos de seus cargos se o tiver dentro do templo. Pois o sexo antes do casamento, para os pentecostais, é um Tabu – “Wundt (1906, p. 308) designa o tabu como o mais antigo código não escrito da humanidade” (FREUD, 2014, p. 59).

Dentro da organização dos templos, não só da crença dos evangélicos, estão presentes os caracteres do tabu e do totem, sendo o tabu uma força que assujeitam a todos que compartilham da mesma Lei, consideramos as pulsões agressivas e sexuais o alvo da repressão, pois, uma vez que a regra for violada, é a desordem e repugnância do grupo que entra em jogo, frente a atitude do sujeito.

Quando tais forças são projetadas, é o caráter demoníaco que aparece como causador da baderna, violador das regras.

No caso da histeria, há uma relação de ambivalência em relação ao pai-morto, fraco, onipotente. Que na clínica se apresentam de modo frequente, tanto na queixa quanto nas repetidas e exaustas situações vividas na relação amorosa do analisante.

O ritual permite, dentro das igrejas, atualizar esse vínculo – a psicanalista Renata Dumont Flecha, destaca isso:

Outro aspecto a ser destacado é a ambivalência na relação com o pai. Encontrada no totemismo e em outras formas de religião, ela se caracteriza por expressões de remorso e tentativas de expiação, sendo também considerada para rememorar a vitória sobre o pai. Essas expressões podem ser verificadas em festivais, nos quais é permitido o sacrifício do animal totêmico e sua ingestão. Observa-se assim a reatualização do banquete originário. Os participantes, na condição de filhos, aplacariam a saudade do pai morto e incorporariam algo desse pai (FLECHA, 2004, p. 84).

A incorporação está no próprio ato de comer do pão, um pedaço do corpo de Cristo, quem entra no corpo da histérica com a pecha da purificação, libertação e força através do vínculo de amor restabelecido.

A ambivalência aparece de um lado por acarretar pai potente, dotado do falo – o amor, mas que ao perceber que ele falha, não responde aos infortúnios da vida como demanda, nem preenche o desejo do Outro, logo, torna-se impotente, fraco, morto – odiado.

No ritual da Santa Ceia, é a função paterna simbólica o elemento encenado entre o grupo, uma vez que se trata de uma relação que antepara o Real da morte, incompreensível, místico. Lacan exprime:

Ao menos em uma estrutura social como a nossa, o pai é sempre por algum lado, um pai covarde, um pai humilhado, como diria o Sr. Claudel. Há sempre uma discordância extremamente nítida entre o que é percebido pelo sujeito no plano do real e a função simbólica (LACAN, 2008, p. 23).

Esta discordância, que não aplaca a angústia provenientes do Real, é a impotência que a histeria guarda profundo ressentimento, simbolicamente representada pelo pai edipiano, daquele que não soube lhe amar dando o que ela não tem.

O rito revive de modo deslocado, o Pai-Filho-Cristo que morreu, mas com propósito de herói, mártir que ainda sustenta na vida da histérica, ambivalentemente, o anteparo contra as pulsões “demoníacas”, de cunho sexual e agressivo.

E garante a ela, no campo imaginário, a segurança e o eterno desejo de livrar-se do próprio corpo, para evitar as tensões e amarguras causadas pelo desejo e a promessa de viver a vida “cheia do Espírito Santo”, que nunca lhe faltará.

3.6 Um lugar para sentar-se: o sintoma como apoio ao desejo subjetivo

O avanço do movimento neopentecostal está atrelado aos espaços conquistados na mídia, seja ela o rádio, TV ou a internet, pela oferta de soluções emocionais através de intervenções espirituais, na militância política e a guerra contra os demônios (MARIANO, 2014, p. 35).

A Igreja Universal do Reino de Deus é um clássico exemplo, fundada pelo Bispo Edir Macedo o pastor líder, cresceu exponencialmente após os anos 80, tanto no Brasil quanto em outros países menos favorecidos economicamente, principalmente no continente africano, como a África do Sul, Angola e Moçambique – a igreja está presente no Brasil em todos os formatos de mídia, como a *Folha Universal*, programas de rádio AM e FM, gravadora de música gospel, editora de livro, mídias sociais e portal eletrônico de notícias, tornando assim, o que defende a doutora em comunicação: uma “Igreja eletrônica” no mundo inteiro (ROCHA, 2006, p. 17).

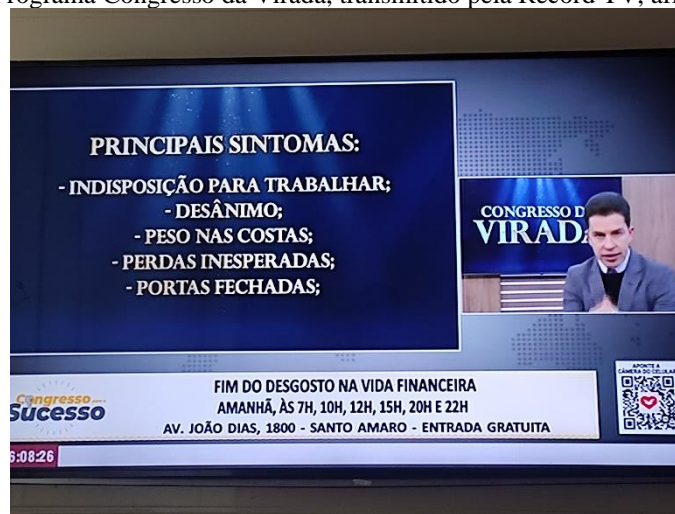
A instituição comandada pelo Bispo Edir Macedo é reconhecida pelos cultos de prosperidade financeira, cura de doenças e libertação de demônios, eles dispõem em dias específicos da semana estes discursos para atender todos os que demandam a solução consoante ao problema corrente de determinado grupo.

O filme *Divino amor*, de Gabriel Mascaro (2019), ilustra bem esta lógica de demanda, ao dispor na rotina da personagem Joana o *drive through* gospel, cujo pastor sempre presente escuta e atende com oração aos pedidos, sem que ela precise sair do carro.

Longe da ficção científica, é comum que os pastores da Universal se disponham a ouvir e atender o afligido que chega na Igreja em busca de uma palavra, as igrejas costumavam ficar abertas 24 h por dia na capital paulista e carioca (ROCHA, 2006, p. 15), hoje é o famoso “Fala que eu te escuto” e “SOS Espiritual” e mais de 30 outros programas, que sustentam esta ideia de cuidado e orientação espiritual, que segue durante o dia ou pela madrugada em diversos canais, não só na Record TV, a emissora do Bispo.

Bastam alguns minutos conectados ao programa da I.U.R.D. que nomes de alguns sintomas psíquicos aparecem na tela. No dia 07 de agosto de 2022, enquanto explorava o conteúdo dos canais abertos, me deparei com esta imagem:

Figura 9 – Programa Congresso da Virada, transmitido pela Record TV, afiliada à IURD



Fonte: Próprio Autor (2023)

Nela o pastor discursa sobre o que poderia ser a origem do empecilho da vida financeira, para ele, são esses os sinais: a indisposição para trabalhar, desânimo, peso nas costas, perdas inesperadas e portas fechadas, que significam a existência de uma vida mísera e não abençoada por Deus.

Ele, então, faz um convite ao culto destinado ao sucesso, do qual possui dia e horário específico, assim como todas as orações servirão a este propósito.

Muitos sintomas psíquicos e, porque não somáticos, são expostos durante o culto. A depressão, o desânimo, a angústia e muitos outros “rótulos” fazem parte do hall de doenças mencionadas, tanto por aqueles que estão de fato doentes, por aqueles que talvez simulem uma doença, quanto por aqueles que prometem a cura.

Durante uma oração, muitos crentes alegam terem sentido que algum membro do corpo saiu da paralisação que o acometia; outros dizem que seu mau-humor e seu cansaço mudaram, assim como também há relatos sobre manchas, caroços, inflamações e desconfortos “saírem” no instante da prece.

O pastor geralmente dá ordens usando de algumas palavras como: “caroço, saia!” ou “vá embora todo o cansaço e desânimo!”, sempre pedindo para que o sintoma e para que toda força espiritual negativa que possa existir diante daquela doença se despeça do corpo.

Pensar que o sintoma é o chamariz do discurso pastoral, como no exemplo citado, amplia a percepção sobre como este método pode ser um recurso de sedução ao histórico, conforme diz:

O efeito da sedução operacional na mídia é passível de ser detectado, devido à circulação de informação, e à pregnância de modelos. Ela serve, utilitariamente, a algo. Falando incessantemente, como o histérico, em contrapartida, não há algo que afugente mais o propósito de sedução que a explicitação, a obscenidade pelo mais mostrar, a demanda de sedução (PAIVA, 2000, p. 117).

É pela via do sintoma que a histérica é capaz de fazer laço social, ou seja, estabelecer seu lugar no vínculo com o outro para obter um gozo, uma satisfação sofrida e além, pois é em torno do sintoma que se situa e se ordena tudo o que é do discurso da histérica” (LACAN, 1991, p. 41).

Há algo de intrínseco entre este discurso midiático e a histeria, que alienadas pelas palavras vindas de um mestre, que supostamente acham, deter de um saber subjetivo sobre a vida delas, apostam em ir até o culto ou em beber o copo d’água, consagrado pelas orações do pastor, quando em casa – o ato de ir até a igreja ou beber da água, marca o não dito pelo simbólico e firma o que está posto nesta relação mestre-histérica; é o saber sobre a verdade sexual (QUINET, 2012, p. 56), a própria cisão do ser e o advento do Real inconsciente.

O sintoma é o resultado da produção de um saber não sabido que ordena todo o discurso da histérica, um enigma a ser decifrado – do qual, o mestre, no caso das igrejas como a Universal e outras da mesma linha, como a internacional da Graça de Deus, criam condições e oferecem produtos e serviços que visam suprir esta dor, do qual a medicina muitas vezes não consegue sanar.

Foi com Freud que a dimensão simbólico-sintomática ganhou escuta. Ele propôs ouvir suas pacientes entendendo que, havia algo de subjetivo e uma comunicação entre as excitações pulsionais dos órgãos internos e externos atuantes nas ideias afetivamente investidas no psiquismo.

Consideremos, por exemplo, o modo como o corpo dos bebês reagem aos estímulos. Freud acrescenta:

Se o afeto original não foi descarregado no reflexo normal, mas em um “reflexo anormal”, este também volta a ser desencadeado pela lembrança a excitação proveniente da ideia afetiva é “Convertida” num fenômeno corporal (FREUD, 2016, p. 292).

Afetos que se convertem no corpo, por falta de um significante capaz de dar outro sentido e reconhecimento, tão primordial na histeria. Nesse sentido, podemos atribuir ao manejo do pastor quando frequentemente induz ao que estão em estado de oração, que lembrem de suas dores, como se sentem, que falem, peçam a Deus que aquele sintoma desapareça, e após da oração – o poder aparece para que os fiéis se sintam aliviados, descarregados, com o corpo leve,

depois servem de exemplo aos outros, ao provar diante do público e quando interrogado, que o desconforto desapareceu e agora estão aptos a fazer o que não fazia antes, como levantar o braço – por exemplo.

Considerando a máxima “O Isso fala” (LACAN, 1999, p. 337) o sintoma nada mais é que uma formação de compromisso inconsciente, frente às pulsões e o recalque. O que está posto subjetivamente no corpo desses indivíduos é o desejo – não de cura, mas proveniente de suas fantasias, sobretudo no sentido sexual e em seus desdobramentos.

Em *A máscara do sintoma* (1957-1958), Lacan nos ajuda a identificar o sintoma, como aquilo que aparece e é endereçado a alguém, pois seu endereçamento faz parte da demanda de reconhecimento, sempre de modo paradoxo, afinal, é um pedaço do mundo interior alheio ao ego, representado pelo sintoma (FREUD, 2014, p. 29) que pode ganhar espaço no palco das igrejas pentecostais e neopentecostais.

O que caracteriza o ganho histórico via sintoma é justamente sua posição subjetiva frente ao Outro, e a relação de insatisfação com o próprio desejo. Apoiada no discurso da guerra contra o Diabo e Deus, a histórica fica livre da implicação sobre a resolução do conflito interno, como salienta os pesquisadores:

Podemos pensar, a luz de Charcot (2003), por exemplo, que via na cura religiosa uma capa para os fenômenos históricos, que os templos neopentecostais são redutos modernos da velha histeria, no qual convulsões, conversões e ataques tímicos como sintomas históricos (supostamente extintos nos dias atuais (RAMOS, 2008) encontram um palco privilegiado para a sua manifestação (MELLO NETO; SILVA JUNIOR, 2010, p. 17).

Sendo possível pensar que as igrejas possuem um lugar de amparo ao enigmático da histeria, e que, ao contrário do catolicismo, regado de punições e repetições, o culto aberto, a palavra e as manifestações do corpo, alteram o sentido religioso que outrora fora interpretado como obsessivo.

4 DAS MANIFESTAÇÕES HISTÉRICAS

O braço paralisado, a perna que volta a andar e os ataques convulsivos eram marcantes no antigo hospital psiquiátrico da Salpêtrière com Charcot, foi ele quem permitiu que essas manifestações fossem vistas por curiosos, estudiosos e interessados no sobrenatural exposto no corpo de muitas mulheres, ele fez do hospital o palco para elas.

Atualmente, os hospitais psiquiátricos não operam a mesma lógica do século XIX, a nosografia da histeria perdeu descrições para os manuais psiquiátricos e a histeria pareceu perder seu antigo espaço para manifestação. Com outras nomenclaturas, o fenômeno acontece no Brasil atual, articulado ao que está disponível no tempo e no espaço que a cultura permite: dentro das Igrejas.

Ao lembrar das histéricas encenando os conteúdos inconscientes, reprimidas em seu desejo sexual e alienadas em fantasias que exigiam delas uma certa castidade e pureza nos pensamentos, encontramos, na contramão da cultura ocidental atualmente quem abdica a própria vida a se dedicar a vida religiosa, que ainda permeia e controla a conduta de seus adeptos, a fim de que eles possam ser salvos.

Algumas igrejas, como visto no capítulo anterior, possuem cultos e o espaço para que estas doentes possam de algum modo endereçar ao outro seu sofrimento, encontrar algum tipo de satisfação às avessas, ou até mesmo, manter-se na posição que compete a estrutura – a insatisfação.

Neste capítulo, minha análise será exemplificada com alguns vídeos publicados pelos próprios autores na internet e por depoimentos vinculados às experiências espirituais, tanto da ordem diabólica quanto divina, de forma a sustentar afirmação repetida até aqui.

A psicanálise articulada aos eventos, servirá como norte para assimilar os conceitos e confirmar a hipótese de que o antigo palco, uma vez encontrado nas alas psiquiátricas francesas, parecem ter deslocados, salvos as diferenças entre as instituições, aos púlpitos religiosos.

Graças a estes espaços, o indivíduo consegue se articular com suas necessidades, inclusive subjetivas e encontrar esteio para o Real, do qual é considerado pela fé, como de ordem espiritual.

4.1 O corpo tomado pelo inexplicável

A música alta e os brados que ecoam para fora de muitas igrejas pentecostais, marcam a identidade bem como a experiência das manifestações tidas como do Espírito Santo, quem está de fora pode julgar como estranho o que escuta e até vê acontecer dentro destes espaços, principalmente nas igrejas da denominação assembleiana, e quem está dentro, confirma a espontaneidade e a força com que o fogo divino manifesta nos movimentos e gritos, que exprimem: “Deus é maravilhoso, poder de Deus, glória a Deus”, seguidos de pulos e palmas – nos termos do próprio fiel entrevistado pelo sociólogo, “tudo isso é conforme o Espírito quer que a gente faça” (ROLIM, 1987, p. 08).

Na internet há muitos exemplos e capturas destes momentos efervescentes, como num caldeirão, muitos começam a pular e rodopiar enquanto falam em línguas estranhas, balançam os braços num movimento repetitivo e frenético.

Um exemplo disto está no vídeo *“BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO E IMPONDO-LHES PAULO AS MÃOS, VEIO SOBRE ELES O ESPÍRITO SANTO. ATOS 19:6”*²⁷ (RAIO, 2022) publicado no YouTube – o material retrata o sobrenatural cotidiano, que acontece dentro do culto envolvendo três mulheres de meia-idade, uma delas, vestida de camiseta rosa que recebe a oração do pastor vestido de terno e gravata, ele impõe a mão sobre a cabeça da moça, lhe dirige algumas palavras, ela começa a sapatear, de modo lento e depois acelerado, até que começa a chacoalhar as mãos e os braços como se estivesse abanando o ar, passa a rodar involuntariamente, outras mulheres que estavam numa espécie de contenção, fazem o mesmo, repetindo os movimentos de mãos e pés.

Ao fundo, a música e a bateria ditam um ritmo agitado, ao lado de quem filma, as moças parecem obter a atenção dos fiéis que lhes estendem as mãos e batem palmas enquanto assistem, como se pudessem estimular o acontecimento.

Na tentativa de encontrar um relato desta experiência, há outro vídeo publicado na mesma plataforma da fiel pentecostal: Jô Aragão²⁸, que relata de modo simples e sucinto a experiência dela no momento do próprio batismo de pentecoste, em um momento distinto ao vídeo referido, ela conta no vídeo sobre o que viveu:

²⁷ O vídeo está disponível na aba “shorts” do Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/AhErf7uvH2k>. Acesso em: 04 abr. 2023.

²⁸ O vídeo está disponível através do link: <https://youtu.be/pF-Kwv4mAtY>. Acesso em: 04 abr. 2023.

Em 2016, foi num culto... no final o preletor orou por mim e começou a ministrar sobre a minha vida, naquele momento eu sentia que poderia ser batizada pelo Espírito Santo [...] e ele falava assim: – Seja cheia! Que Deus possa te tocar agora, a começar pelos pés” Irmãos, na hora que ele começou a ministrar e falar coisas parecidas, eu comecei a sentir meu corpo a começar pelos pés mesmo, o fogo do Espírito Santo que subia, e tomava conta do meu corpo. Ali eu fui batizada no Espírito Santo, foi algo maravilhoso, tremendo (ARAGÃO, 2021).

A jovem em questão enfatiza no final do relato que cresceu em ambiente evangélico e assim permanece exercendo a fé, e conta para sua audiência sobre o bem-estar que sente ao passar por essas manifestações que a preenche de felicidade.

Nos termos do pesquisador sobre o tema do sentimento oceânico à luz do debate entre Romain Rolland e Freud, descritos através de cartas sobre o texto *O futuro de uma ilusão*, do qual Freud tece algumas ideias sobre a religião na subjetividade de cada indivíduo em detrimento da massa, e ainda se debruça em comparações de tal sentimento com o estado de nirvana provenientes da religião hindu, que preconiza a ideia de diminuir os estímulos externos e internos ao aparelho psíquico a fim de estabelecer um estado de alegria inabalável, levando ao que Freud defende como o retorno ao inorgânico (FREUD, 2010, p. 184) logo, destino da pulsão de morte – nesse sentido, aparece o sentimento oceânico e a contradição desta felicidade, segundo descreve o pesquisador:

Tal sentimento exprime um “contato”; portanto, algo que se estabelece no interior de uma relação, sem que o “Outro” dessa relação seja inteligível, ou pelo menos, aproximadamente discernido. É importante ressaltar que o registro de um “Outro”, no contexto de uma experiência marcada pela sensação oceânica, não comparece como um aspecto nuclear para o indivíduo, motivo pelo qual sua interpretação torna-se predicativa, de acordo com a concepção religiosa de cada um (VALLE, 1998, p. 28 *apud* BORGES, 2008, p. 107).

O que está fora do sentido reconhecível e “mergulhado”, é entendido como sobrenatural, mas na contramão do misticismo envolvendo o Real desta experiência, está o corpo que sem a saída ao simbólico, converte-se em pura pulsão, e sensações estimulantes incompreensíveis, assim como faz o bebê no colo da mãe, ao mexer-se e emitir uma linguagem própria e alheia ao código da cultura, a fim de ser satisfeito em sua demanda inapreensível.

Uma vez que esse conteúdo é posto na cadeia simbólica pela linguagem, tomando emprestado o exemplo citado acima das fiéis em frenesi, lá está o sexual (MELLO NETO; SILVA JUNIOR, 2010, p. 19) mascarado num corpo involuntário.

Sendo assim, há algo do sexual a ser traduzido neste corpo “descontrolado”, que precisa ser contido pelo Outro, como evidencia o vídeo, que nada podem contra a força do Real a não ser imitá-la inconscientemente.

Na histeria, isto não é diferente, pois quando há um ataque histérico o corpo atua, a fim de buscar certo prazer pré-estabelecido na biografia do sujeito com alguém, seu alvo é uma pessoa ou um outro pré-histórico, inesquecível e jamais igualado (PAIVA, 2000, p. 51).

Na psicanálise lacaniana, o corpo pode ser entendido pelo viés borromeano, sendo ele Imaginário, Simbólico ou Real, este último identificado não só pelos órgãos que lhe é próprio, como o aparelho digestivo, respiratório, etc.; mas pelo gozo (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p. 43). Um gozo que se repete, na tentativa, no caso das histéricas, de denunciar o sofrimento psíquico e alienado ao Eu.

A isso pode-se considerar a ideia freudiana dos afetos, que se convertem em movimentos involuntários, espasmos, formigamentos, paralisias, crises pseudoepilépticas típicos da estrutura histérica, ele enfatiza que:

Se o afeto original não foi descarregado no reflexo normal, mas em um “reflexo anormal”, também este volta a ser desencadeado pela lembrança a excitação proveniente da ideia afetiva é “convertido” num fenômeno corporal (FREUD, 2016, p. 292).

É dessa perspectiva que a psicanálise pode enxergar o corpo, como depositário das pulsões e seus representantes, e por isso erógeno e simbólico à medida que as lembranças e os afetos circulantes entram em conflito e o resultado brota no corpo, convertido em sintomas que desviam a lógica puramente bioquímica.

Além disso, o psicanalista austríaco considera que a religião influencia estas manifestações, uma vez que:

De tal natureza é o tormento da dúvida religiosa a que muitas pessoas estão sujeitas e muitas mais estiveram no passado. Também aí a excitação só aumenta num grau considerável, com ela a dor psíquica, o sentimento de desgosto, quando entra em jogo um interesse da vontade do indivíduo, quando aquele que dúvida se acredita ameaçado em sua felicidade, na salvação de sua alma (FREUD, 2016, p. 297).

No caso referido acima das mulheres que sapateiam, é possível apontar a falta do simbólico, (que serviria de esteio para dar contorno ao conteúdo sexual, vivido em fantasias ou em situações traumáticas), uma regressão ao estado pré-linguagem, na medida em que se dispõe ao Outro-Espírito-Santo na tentativa de ser reconhecido em alguma demanda, e sobretudo na capacidade de identificação inconsciente e essencial à sexualidade do sujeito (PAIVA, 2000, p. 67) que acontece, principalmente na presença e ausência em relação ao pai e a mãe que assumem o lugar investido de libido, objeto capaz de designar o destino sexual do rebento iniciado no complexo de Édipo.

Como acontece nas igrejas pentecostais, tanto o barulho e quanto a estranheza provocada pelos acontecimentos sem sentido extrapolam os muros e vidraças, assim é o corpo histérico, que está ao meio, intermediando o mundo de fora com o mundo de dentro (VÍCTORA, 2016, p. 2), o que apresenta à tona o conteúdo inconsciente, através dos sintomas e manifestações involuntárias; como um fogo que arde, num barulho silencioso, cindindo das forte pressão e tensão do Outro inabalável – tornando assim um corpo em eminente desamparo psíquico, predominantemente sexual e imaginariamente infantil.

4.2 As fantasias e as experiências de outro mundo

No intuito de ilustrar o que seria a tal manifestação aliada a fantasia e aos elementos do campo simbólico cristão apresento o depoimento veiculado pelo podcast *Sonic Cast*²⁹, comandado pela atriz Karina Bachi, autodeclarada cristã e membro da Igreja *YAH Church* de linhagem neopentecostal, no material publicado em 21 de maio de 2022 no YouTube – o programa expôs o relato, também conhecido como testemunho, de Virgínia Arruda, bispa e dona do próprio ministério “A palavra do dia”³⁰, no site do ministério não é possível identificar a denominação exata da sua igreja, se é neopentecostal ou pentecostal, entretanto, a música “Enche este lugar” de autoria da bispa retrata a prece do dia de pentecoste, ao dizer: “Espírito santo. Derrama em nós o teu poder. Enche este lugar”, ela afirma a crença na característica principal do preceito pentecostal. Ela diz na entrevista:

Comecei a ter crise de depressão e síndrome do pânico em alto grau. E todas as noites, 5:40h para as 18h, vinham 3 demônios, os 3 pactos, e eles também mantinham relação sexual comigo, me furavam, e por diversas vezes eu apagava e acordava só no outro dia – toda quebrada, toda roxa. [a apresentadora questiona como era a forma e o aparecimento destes demônios]

[...] Eram demônios, que vinham materializados. Às vezes eles vinham bonitos, às vezes eles vinham feios. Eu sabia que eram sempre os mesmos, mas eles não vinham com a mesma fisionomia. O próprio Diabo conversava comigo sempre, e ele sempre mudava a fisionomia também (SONIC CAST, 2022).

É importante salientar que não há necessidade de julgar a veracidade ou credibilidade do que foi dito, nem mesmo, contestar a fé da qual, todos são livres de exercer. Entretanto, pela ótica psicanalítica abordada nesta pesquisa, é possível extrair os representantes: “Diabo”,

²⁹ A entrevista na íntegra está disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=HuqTaA-uhaE>. Acesso em: 04 abr. 2023.

³⁰ O site do Ministério Palavra do Dia está disponível através link: <https://apalavradodia.com.br/#sobre>. Acesso em: 04 abr. 2023.

“homens de diversas fisionomias” e os “furos que faziam em meu corpo”, como elementos cruciais para a construção da fantasia Edipiana.

A condensação do signo, os elementos sexuais, a satisfação convertida no corpo de modo essencialmente masoquista e sobretudo a submissão ao desejo do Outro formam as características marcantes da fantasia neurótica (CARREIRA, 2009, p. 162).

Apesar de ela ter dito que os espíritos estavam materializados, isto nos indica que a concepção em torno da realidade foi alterada, mas não a impediu de lidar com o mundo exterior, isto nos livra da hipótese de que o episódio poderia ser um delírio psicótico, o psicanalista e psiquiatra salienta que a fantasia na neurose: “é de matriz simbólico-imaginária, que permite o sujeito fazer face ao Real do gozo. Como em Freud, para Lacan a fantasia constitui igualmente o próprio princípio da realidade para o sujeito” (COUTINHO, 2010, p. 77).

Realidade que muitas vezes, graças a fantasia e o espaço da Igreja que comporta esses representantes, pode obter a descarga da libido e das tensões psíquicas, ainda que rudimentarmente.

No relato acima, é possível destacar a queixa sobre a depressão, e o pânico como sintomas psíquicos importantes, pois indicam haver algo na biografia desta mulher da ordem do infortúnio e do desprazer que não encontram na realidade a satisfação.

A bispa também afirma ter sido adotada, agredida e violentada sexualmente por vizinhos após a separação dos pais, relata ao longo da entrevista sobre a falta que sentia e sente em torno das figuras que lhe abandonou quando criança e o uso constante de cocaína. O que confirma a hipótese de tratar-se da fantasia, pois a falta é por onde a fantasia faz a suplência ao objeto perdido, segundo a pesquisadora:

Podemos dizer também que a fantasia realiza a posição de objeto para fazer frente ao desamparo que a falta ao Outro produz no sujeito, o qual não quer saber sobre a resposta negativa que já obteve no próprio ato que inaugurou a sua existência, pautada em uma expulsão primordial que, embora o tenha exposto ao desamparo, também o livrou de permanecer como aquilo que resolveria a inveja do pênis de sua mãe, pois o tornaria a encarnação do falo perdido de Osíris embalsamado (CARREIRA, 2009, p. 165).

Quanto aos relatos dos homens sendo a materialização do Diabo, retomo ao que Sigmund Freud publica em 1922 sobre os estudos em torno do caso histórico do pintor *Christoph Haitzmann*, acometido por severas crises de convulsão, segundo o próprio pintor; os sintomas foram consequências do pacto que fizera com o Diabo em troca de segurança financeira e alívios para aflições depressivas que sentia, muito próximo do que também relata a bispa.

Na pesquisa sobre os sintomas histéricos do pintor, Freud encontra nos desenhos dele a insistência do número 9, número equivalente ao período de validade do pacto, e ao número de anos que *Haitzmann* sofrera com a perda de seu pai.

Nessa entoada, o psicanalista aponta que; a figura do Diabo serviu de substituto para simbolizar a perda gerada pelo luto – o pintor dizia ser “filho do Diabo” durante o período do pacto, logo após, seria a propriedade dele – iria morrer.

A hipótese da fantasia que se relaciona ao pai é confirmada pelo exame dos desenhos que retratavam a fisionomia do Diabo. Nessas pinturas, havia elementos que identificavam os traços paternos, como a cor dos cabelos, barba e acessórios. Para o psicanalista Márcio Peter Leite, é característica do demoníaco a mudança constante, deslocada, e que se condensa rapidamente (cf., 2019, p. 156), como aparece no relato da Bispa Virgínia. As imagens ilustram a condensação manifesta na fantasia do pintor:

Figura 10 – A primeira aparição do demônio a Christoph Haitzmann



Fonte: FREUD (2011)

Figura 11 – a segunda aparição do demônio a Cristoph Haitzmann



Fonte: FREUD (2011)

A partir destes dados é possível, cogitar a título de exemplo, como segue a análise de Freud em *Uma neurose do século XVII envolvendo o demônio*, que algum traço fraterno, relacionado aos desejos ambivalentes da ternura, à hostilidade direcionadas ao pai que apesar de querido, teve como substituto o Diabo (FREUD, 2011, p. 244), afetos negados que retornam ao Eu de modo narcísico e masoquista em busca de satisfação.

No caso da pastora, o Diabo aparece como atraente e perfurador, denotando o alto investimento de libido sexual à figura, que se manifesta sem a possibilidade de uma elaboração simbólica e livre do senso crítico; e revisita os traumas de uma vida repleta de abusos, perdas e violências.

É pela cena revivida de tais abusos que a fantasia sustenta o desejo do sujeito inconsciente, como afirma Lacan em *Os 4 conceitos fundamentais da psicanálise*, o sujeito se situa a si como determinado pela fantasia (LACAN, 2008, p. 181).

Isso quer dizer que há na relação com os espíritos malignos e na própria fé uma posição frente ao Outro, seja de modo satisfatório, ou seja, de modo defensivo contra estes representantes pulsionais perturbadores. Reforçando a ideia de defesa, os psicanalistas acrescentam:

Na medida que o desejo está articulado aos fantasmas, este é igualmente o lugar das operações defensivas, da matéria dos processos de defesa mais primitivo, tal como a volta ou retorno sobre a própria pessoa, a inversão da pulsão, a (de)negação, a projeção. Tais defesas estão, por sua vez, indissolúvelmente ligadas à função primitiva da fantasia – a encenação do desejo, encenação onde a interdição está sempre presente na própria posição do desejo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 233).

Neste sentido há um esclarecimento sobre aquilo que marca o próprio corpo via hematomas e perfurações que de modo masoquista posiciona o sujeito do inconsciente na denegação da falta e sustenta o desejo sem realizá-lo nem ao menos reconhecê-lo.

Nas igrejas, o neurótico consegue encontrar um esteio para essas encenações fantasmáticas, bem como lapidar a imagem que tem sobre si, ao afirmar a libertação do Mal e o completo recalque dos conteúdos perturbadores – ao se reconhecer um irmão pertencente ao grupo de semelhantes e mais próximos de Deus, como visto no capítulo anterior.

Na medida em que o Espírito-Santo parece encher o corpo, a lógica subverte os representantes perturbadores do gozo que outrora eram diabólicos passam a ser divinos. O pesquisador de fantasias na religião, conclui em sua pesquisa:

Fantasy, and more specifically fiction, can feed and flow into religion symbolized as spirituality even when it is ultimately anchored in abject bodily experiences and desires which potentially subvert the ideological superego superstructure [...] When monstrous images manage to be included into a religious canon, not as diabolic and demoniac to be exorcised, but as rehabilitated, the abject as potentially perverse and disabled body-shadows can be integrated into assertive body-images (ZWAN, 2022, p.11)³¹

³¹ “A fantasia, e mais especificamente a ficção, pode alimentar o fluxo que culmina o que a religião simboliza como espiritualidade, mesmo quando ancorada em experiências corporais abjetas e desejos que potencialmente subvertem a superestrutura ideológica do Superego [...] Quando as imagens monstruosas conseguem ser incluídas em um cânone religioso, não como diabólicos e demoníacos a serem exorcizados, mas como rehabilitados, os abjetos potencialmente perversos e as sombras corporais deficientes, podem ser integradas em imagens corporais assertivas”. Tradução livre do autor.

Sendo assim, é possível orientar o papel da fantasia no campo simbólico e imaginário dos fiéis, sobretudo naqueles cuja estrutura psíquica é a histeria, do qual os fantasmas em torno das figuras parentais, essencialmente investidos de libido, retornam ao Eu, provocando verdadeiras cisões e sintomas físicos, dando ao corpo um símbolo para a denúncia dos excessos da violência e do desamparo, quem sabe algum destino de reconhecimento.

4.3 A metáfora nas pregações como um modo histórico de expressão subjetiva

A palavra de Deus é frequentemente ministrada por algum líder espiritual, o momento da “palavra” caracteriza o essencial do culto nas igrejas evangélicas, independente da denominação, seja ela pentecostal, ou seja, neopentecostal.

É comum que muitos pastores dominem a oratória a fim de atrair a atenção dos fiéis e transmitir os ensinamentos bíblicos, para isso, usam métodos diversos, como; músicas, histórias e parábolas, a isto, pode-se destacar a predominância das metáforas, segundo definição do psicanalista Joel Dor; a metáfora consiste em designar alguma coisa por meio de um nome de uma outra coisa (cf., 1985, p. 43).

Em matéria publicado pelo portal *Folha de São Paulo*, a jornalista Marcella Franco (2023) investiga o fenômeno da internet chamado: Vitória Souza, uma jovem pastora cujas redes sociais já alcançaram mais de 2,5 milhões de pessoas, filha de pastor ela ministra a palavra em sua igreja na cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo.

O discurso e o modo como a jovem transmite os ensinamentos bíblicos chamou a atenção de uma enorme massa de pessoas evangélicas e outras sem nenhuma doutrina religiosa, graças ao uso que ela faz das metáforas ao utilizar celulares do modelo Iphone, vasos de cristais, janelas e copos de plástico em analogias aos textos bíblicos.

Em um destes vídeos publicados por ela na internet, a pastora aparece amassando uma nota de cem reais, e chama outra fiel para interagir com ela:

Vitória, você é louca? Amassou cem reais? Acabei de amassar! (autorreferência) Vem cá você aqui jovem... vem cá. – Quanto que eu tenho aqui na minha mão? – Cem reais! – Cem reais... se eu te dar esses cem reais, você vai querer? – Sim! – Mas ele não tá amassado? – Ele ainda tem valor! A fiel responde. A pastora continua; – É isso que acontece ao longo da nossa vida, cê sabia? Tem gente que olha e fala, tá destruído, tá acabado! Acabou pra ele. Mas aí Deus olha e fala assim... as pessoas tá vendo amassado, mas eu tô vendo o valor que ele tem! DEUS VIU VALOR EM VOCÊ (SOUZA, 2023)³²

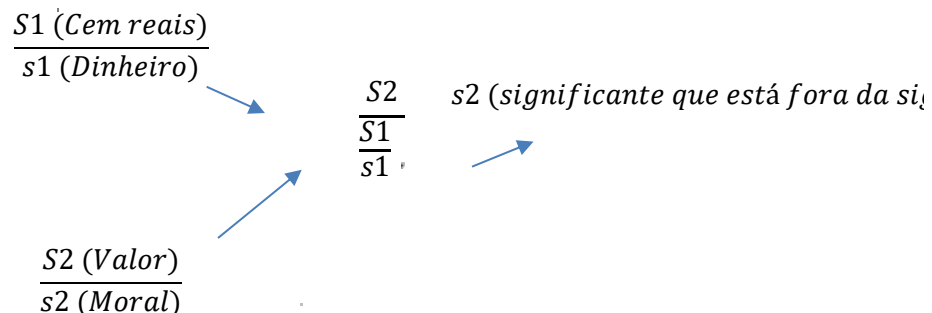
³² O discurso completo pode ser visualizado no Youtube através do link: https://youtube.com/shorts/a_z6o4BxZ3A?feature=share. Acesso em: 12 abr. 2023.

Na intenção de criar um esquema lógico, e utilizá-lo neste exemplo que evidência uso da metáfora, separei o significante “cem reais” e o nomeei como S1, “valor” seguindo a ordem S2, a este representante de valor está o significado de “moral” em s2, ou seja, aquilo que é cultivado pelos valores e preceitos éticos, que cabe ao contexto de vida de um indivíduo a outro.

Segundo a pastora, Deus enxerga este “valor” moral (S2) como uma nota de dinheiro amassada. Temos nesta sentença a substituição de um significante sobre outro, trazendo uma nova significação ao “valor moral”, esta é a lógica da metáfora aplicada ao discurso.

Partindo do princípio lacaniano de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, há um operador linguístico atuante nesta relação; a supremacia do significante em relação ao significado. E isto, aponta Joel Dor, predetermina a relação do sujeito com seu discurso, sem que este o saiba (cf., 1985, p. 46).

Neste exemplo, é possível ilustrar em esquema o que orienta o discurso relatado e o efeito de significação da metáfora, ainda que o sujeito não tenha a consciência, sendo:



O efeito da significação metafórica aparece ao considerar o significante S1 “Cem reais”, substituído pelo significante S2 “Valor” e o s2 “moral” enquanto significado de dinheiro, ou seja, aquilo cuja função é a troca de aquisição de bens, serviços, e força de trabalho³³ aparece como o resultado.

É possível extrair deste exemplo a máxima: “O valor moral está na relação de troca com o outro, nas aquisições que o indivíduo obtém e no manejo ou acúmulo da sua força capital”. Isso é o que designa o sujeito falante, frente as formações inconscientes, sendo assim parece

³³ De acordo com a definição do dicionário Michaelis, a palavra dinheiro significa: 1 ECON Moedas ou cédulas utilizadas como meio de troca na aquisição de bens, serviços, força de trabalho e quaisquer outras transações financeiras, que são colocadas em circulação pelo governo de cada nação, o qual as emite e lhes fixa o valor; algum, arame, bago, bala, bomba, bufunfa, cabedal, cantante, capim, capital, caraminguás, cédula, [...] (MICHAELIS, 2023).

ser isso o que Deus valoriza no fiel – o dinheiro ou o que ele tem, seguindo o dito da jovem pastora.

Esta lógica subjetiva, vai ao encontro do conceito fálico definido na estrutura histórica no segundo capítulo desta pesquisa que partindo da lógica neoliberal, como ordenador de sentido nos discursos emanantes do púlpito que disseminam a teoria da prosperidade, presentifica a histórica com o significante fálico e invoca de modo inconsciente o Nomes-do-Pai, a função paterna que faz o ponto de basta, diante o desejo incestuoso, ao transbordamento do gozo (ARAGÃO, 2004).

Na lógica lacaniana a metáfora paterna é quando a criança identifica o falo, aquilo que o Outro deseja como algo externo a ela, no caso o que Deus deseja, diante da ausência da mãe o significante advém forçando sujeito ainda bebê a entrar no campo simbólico, a consequência disto é a separação daquilo que ele pensa ser o desejo do Outro.

O falo está naquilo que há de sintomático na histeria que diante da identificação ao pai, a histórica permanece no ressentimento de que o outro não tem o falo, é ela aquilo que falta no Outro.

Pela metáfora, a pastora consegue orientar o sujeito dando-lhe este sentido, significando aquilo que aparece no sem-sentido, nas contingências dos infortúnios da vida, logo, na falta do Outro – o valor/ dinheiro como significantes que agradam a Deus.

O falo traz o efeito do sentido, e pode ser orientado de modo imaginário aos objetos, tudo o que a histórica precisa; de um interpretante como parceiro, que não é outro senão o Nome-do-Pai (SARMENTO, 2020) e este está exposto no púlpito de qualquer Igreja.

4.4 A performance do escolhido

Sob o nome de “avivamento” ou “despertar” espiritual, o movimento *Revival* ganhou destaque nas notícias de nicho evangélico longe da cidade de origem, Willmore – Kentucky nos Estados Unidos. O movimento ficou marcado pela abundante presença de adultos, jovens e idosos reunidos na *Asbury University*, com um único intuito: adorar a Deus através de músicas e orações – o destaque se deu pela duração do evento, que levou mais de 150 horas ininterruptas e atraiu pessoas para além dos muros da universidade.

No Brasil, o jornalista do portal Veja – Rodolfo Capler, escreveu *Asbury: o culto evangélico que começou, mas ainda não terminou*, na matéria ele traz o relato de alguns participantes do evento, um deles é Mayo de 23 anos cuja família é evangélica, seu relato na entrevista: “Em relação ao fenômeno, eu diria que nada mais é do que o Espírito Santo

trabalhando. De forma alguma é uma produção feita pelo homem, mas surgiu aleatoriamente a partir de uma fome de ver Deus se mover.” (cf., 2023).

O avivamento causado por esta “fome” em ver os movimentos de Deus, também tem recorrência em terras brasileiras, onde muitos fiéis se organizam para passar longas horas em constante adoração, até que sintam em seu íntimo o Espírito Santo se mover. A exemplo disto, estão as vigílias, prática comum das igrejas pentecostais e neopentecostais, símbolo da submissão ao divino e um ato de clemência por misericórdia à humanidade e socorro as igrejas (EDWARDS, 2010, p. 29).

Nas redes sociais há diversos vídeos e imagens destas vigílias, um deles é homônimo ao movimento,³⁴ eles se apresentam como responsáveis pela organização do espaço e reunião dos adeptos a estes encontros, os jovens tratam o conteúdo como um evento, facilmente confundido com qualquer cartaz de algum show musical juvenil.

A imagem exposta abaixo representa em alguns ícones: a intensidade, fascinação, envolvimento, emoção, gritos, movimentos corporais como objetos de referência, que evocam no observador um significado (SANTAELLA; NOTH, 2008, p. 38) – ou seja; a liberação das emoções.

Figura 12 – É amanhã



Fonte: Revival Movement (2023)

³⁴ *Revival Movement*, as imagens, anúncios e conteúdo em torno do tema estão disponíveis na página do Instagram: https://www.instagram.com/revival_move/. Acesso em: 20 abr. 2023.

Em contrapartida, a ideia de liberação emocional como sinal do avivamento divino, o grupo de pesquisa da Universidade Mackenzie de São Paulo, em referência ao pastor e teólogo americano Jonathan Edwards, argumenta:

o cristianismo verdadeiro não se evidencia pela quantidade ou intensidade das emoções religiosas, mas por um coração transformado que ama a Deus e busca o seu prazer. Ele faz uma análise rigorosa das diferenças entre a religiosidade carnal, que produz muita comoção, e a verdadeira espiritualidade, que toca o coração com a visão da excelência de Deus e o liberta do egocentrismo (EDWARDS, 2021).

A proximidade desta experiência extática presente nas igrejas neopentecostais brasileiras, com o espetáculo, acontece uma vez que os aparatos utilizados nos cultos, como; canhões de luzes, holofotes, sistemas de som e painéis eletrônicos³⁵ também fazem parte da estrutura cênica dos teatros – este é o palco da qual a histeria cria condições de manifestação.

Parafraseando Lacan, Raul filho intitulou sua resenha crítica – *O inconsciente estruturado como teatro*, nele o autor argumenta a semelhança que há entre psicanálise e o teatro, partindo da histérica e o saber sobre a “lalíngua” (a língua falada pelos bebês), composto pelos equívocos da linguagem e do corpo, ele afirma:

A histeria como manifestação do sujeito do desejo está sempre no palco atuando para um espectador. Sem espectador não há teatro e nem histérica. O sintoma histérico, a insatisfação do desejo e a identificação com o desejo do Outro, tudo na histeria é teatral, pois se tratade um laço social, como apontou Lacan, que funciona com a presença do Outro (cf., 2019 *apud* QUINET, 2019, p. 167).

Diferentemente dos pentecostais, os neopentecostais não costumam falar em “línguas estranhas”, nome dado à glossolalia, parecem estar um pouco mais conscientes das movimentações corporais que fazem, muitos se sentem confortáveis para se expressar utilizando o próprio corpo ao erguer os braços, ajoelhar, pular e gritar, ao mesmo tempo,

³⁵ A igreja Batista Lagoinha, cujo presidente é o pastor e cantor André Valadão está presente massivamente no estado de Minas Gerais e em todos estados federais, países da América Latina e Estados Unidos. Ao todo, a irmandade está distribuída em mais de 700 igrejas. A unidade matriz, em Belo Horizonte contempla um salão em formato arena, com palco ao centro, repleto de luzes direcionadas, iluminação em LED, máquinas com efeito de fumaça e um painel também de LED, que acompanha o conteúdo e a música dos cantores, quase sempre em conjunto por um grupo de dança ou *backing vocals*. No Youtube estão dispostos alguns dos cultos e eventos que acontecem na unidade, um deles é dedicado a cantora Gabi Sampaio, que canta por uma hora ininterrupta. As canções parecem evocar ao lado sentimental do espectador, já que no início do vídeo ela aparece no púlpito/palco e pede para que os fiéis fechem os olhos, e clamem por Jesus, enquanto eles pedem em oração, ela indica que Jesus chegou naquela “casa” - a música aumenta, e o plano de fundo do painel luminoso altera para uma imagem abstrata, remetendo a energia. A música diz; “Vem Jesus, vem dançar. Vem Jesus, tome o teu lugar”. O refrão é repetido com muita insistência, enquanto a câmera aponta do alto, em cima do palco, alguns fiéis sendo batizado nas águas. O show segue com letras como “Preencha o vazio do nosso coração”, “vazio que nenhum homem pode preencher, meu pai”, “Ele me ama, me ama” num espetacular jogo de luzes (SAMPAIO, 2022).

apresentam um rosto desenhado por expressões extremas e caricatas, de amor, tristeza, angústia ou felicidade.

É o corpo que mais uma vez representa a dimensão não falada, embalada pelo ritmo invocante da música sentimental que vem do palco, que vem do grande outro. Em *Corpoema*, Antônio Quinet define o efeito que este Outro-palco obtém na medida em que endereça a fala no corpo do outro-fiél, através do conceito pulsão invocante, ele explica:

A pulsão invocante dá o ritmo, o andamento e as partituras gestuais do corpo, fazendo ecoar até a melodia de uma lalíngua outrora ouvida; a pulsão escópica o coloca na cena do mundo desenhando seu deslocamento espacial. Eis o inconsciente teatral no corpoema (QUINET, 2021, p. 224).

Lalíngua é o que embala o bebê, esta voz vinda de um outro irreconhecível, incomensurável, que pode amparar o corpo ainda colado numa simbiose mágica, cósmica e materna, um corpo mergulhado na sensação de pertencimento e completude, imaginária.

Assim como ocorrido na Idade Média, com o fenômeno da *dance-mania* o ser humano ainda está exposto ao sofrimento proveniente das contingências de ordem da natureza, a fragilidade do corpo e a insuficiência que regulam a família e o Estado (FREUD, 2010, p. 29). A religião, aparece assim como uma saída frente ao implacável e mal-dito, um amparo ainda que ilusório.

A insatisfação submerge em meio às catástrofes em um mundo cada vez mais materialista; o desejo individual, esmagado pela ordem excessiva do Outro, aumenta a opacidade e a alienação sobre o que há de profundo em si, o tormento, angústia, sonhos perturbadores e desejos “demoníacos” porque desviam a norma, querem ser representados e no caso da histeria, atuados para uma audiência.

É preciso que o corpo dance, mexa-se, desmanche em forma de protesto, em forma de performance, em busca de um sentido que contemple o que há de invisível no mundo (SANTOS, 2017, p. 111).

É pela via da mostraçã performática, do palco e do espectador que o sintoma faz seu laço e encontra uma forma de satisfação – apesar do sofrimento imanente, há um discurso que contempla o enigma da histeria dentro das Igrejas pentecostais e neopentecostais, que durante séculos percorreu um longo caminho hostil, nas Igrejas no Brasil atual, ao menos, há uma ideia sobre o amor ao pai, primordialmente amado e exaustivamente combatido e um palco investido de libido sexual, pronto para amparo e a proteção imaginada, contra a própria falta – tanto em si, quanto no Outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A demanda dos religiosos é direcionada com certa frequência à figura paterna. Nos louvores e preces, muitos clamam pela salvação, acolhimento e sobretudo, o amor. É imprescindível ignorar os sentimentos ambivalentes e hostis que cercam este objeto paterno tão amado, como no contraditório ritual da Santa Ceia que ao reviver a morte de Cristo na Cruz, os fiéis introjetam oralmente os símbolos do sangue e da carne, para garantir a restauração do vínculo entre Pai e filho, por uma via tal qual faziam os antigos canibais, sedentos pelo poder do outro que um dia foi imponente.

Além da ambivalência de sentimentos que a perspectiva psicanalítica permite capturar nestes ritos e mitos bíblicos, há uma influência psíquica, uma força libidinal dirigidas aos representantes de Jesus na Terra, como ocupam a posição dos pastores, que com os olhos da fé não conseguem alcançar e dispor ao fiel outra interpretação, além da experiência mística, fora da linguagem – e por isso “arreatadora”, que muitos crentes costumam dar provas e evidências de sentir em si como se fosse uma força mágica, sobrenatural, projetando no mundo exterior aquilo que a linguagem permite traduzir do mundo interior.

Os evangélicos aparecem, no princípio, em um cenário brasileiro cuja pobreza, falta de educação adequada e a vulnerabilidade se fez presente, ameaçando a existência do Eu. Os primeiros adeptos, desalojados e angustiados pelo catolicismo, encontraram no discurso estrangeiro do pastor pentecostal – a valorização do trabalho e a promessa de uma vida adequada e rica, ainda que fosse depois da morte, bem como o laço fraterno.

A promessa de cura e assim como a providência, ainda estão disponíveis para aqueles que, com a fé, buscam livrar-se dos infortúnios da vida terrena, que as igrejas neopentecostais brasileiras bem sabem e servem como num *drive-thru*, soluções espirituais consoante a demanda que cada crente tem na vida.

Sustentando o ser via discurso da posse, do ter fálico presente na cultura e na conquista de espaços nunca conquistados, muitos reivindicam alojar-se dos bens materiais, como forma de alcançar a plenitude, nesta linha lógica fica evidente a semelhança não só estética entre muitas lojas e templos.

Esta é uma das diferenças em comparação à Antiguidade e a Idade Média, cujos enfermos queixavam-se de dores inexplicáveis de doenças enigmáticas, que denunciavam colateralmente com o corpo, sobretudo ao feminino, a submissão e a inferioridade, já que não tinham alma, logo, não tinham posição de “ter/ser” no mundo, o desalojamento continua sendo, pelo avesso, marcante nas afecções e reminiscências históricas.

Por séculos e séculos, entremeadas por catástrofes naturais, guerras e vulnerabilidade econômica, bem como as perseguições políticas e sociais, as históricas prevaleceram, sustentando a insatisfação inerente a estrutura, questionando os saberes totalizantes e dispendo o enigma da cisão do ser, através da possessão, tida como impuras e demoníacas, loucas e teatrais, sexuais e objetificadas, apontavam o mal-estar da cultura com um corpo em chamas, pelo sintoma.

A psicanálise freudiana possibilitou, anos mais tarde, uma análise de que tais possessões eram primordialmente afetuosas, em conflito num corpo que ainda apela por reconhecimento, por um olhar capaz de trazer a identidade frente ao pulsante da não compatibilidade entre os sexos, dos papéis atribuídos do ser e ter entre o masculino e o feminino que regem nossa cultura, sobretudo como muitas Igrejas se organizam, e exercem seus usos e costumes, sempre rejeitando, negando, esquecendo algo do peculiar, às vezes imoral, mas sobretudo, na particularidade sobre o desejo humano. Assim também faz a histórica ao próprio desejo, quando o menospreza.

A religião não só aguça no homem a rememoração das experiências infantis, bem como as demandas inerentes ao estado ainda pré-linguagem do bebê, como invocam o paraíso perdido do qual os neuróticos sempre desejam retornar, ela entrega via parábolas e analogias bíblicas a fantasia, que preenche a falta e nega a castração – ainda sustenta a promessa de um retorno ao pleno celestial, ao todo, longe da realidade por vezes pontiaguda e dolorosa, considerando as doenças, violências e outras falências que a experiência humana abarca.

O trágico ganha opacidade ao passar pelo nártex dos templos, onde sempre mantidos limpos, bem iluminados e com músicas embaladas por cantores emocionados, em cultos performáticos, que fazem dos púlpitos de palco, como qualquer outro de entretenimento não religioso; os neopentecostais, avançam na sociedade a passos largos, ocupando espaços políticos e canais de TV com a pecha da teoria da prosperidade, prometendo a completude do ser pela posse de bens e espaços no mundo material, afirmando a força da fé frente a natureza e ao preenchimento da falta, combatem ferozmente o desalojamento e conduzem muitos jovens ao sedutor que o objeto fálico mascara.

Como a pesquisa aponta, este discurso é o parceiro ideal para a histórica, que nega a castração do Outro, pretendendo assim, ser preenchida, completa, ideal aos olhos do Pai e por isso, usam das palavras empunhadas de um microfone, ou pulam e rodam seus cabelos longos, num jogo quase, sexual, não menos excitante de palavras e gestos inflamados, a fim de que sejam vistas, admiradas e amadas.

É possível dizer que há estrutura e condições para as manifestações históricas acontecerem nestes ambientes, pois elas aparecem para dizer algo da ordem subjetiva que vai além do objeto e da linguagem, em relação a isso, é vasta a ajuda que psicanálise empreende desde seu nascimento na clínica cujas pacientes históricas, mostravam e diziam sobre os efeitos da angústia que sentiam diante do Real, implacável e insuportável – tendo apenas os recursos do simbólico e do imaginário como modo a dar esteio ao desconhecido do desejo subjetivo.

Sem esta orientação teórica, o inexplicável fica a cargo do místico, fenômenos espirituais, seja ele divino, ou seja, ele demoníaco. O problema é o líder que mal sabe o que está posto nestas manifestações e lhes atribui o sentido que é conveniente, imaginário que mantém a histórica à mercê de seus poderes, até o ponto da exaustão.

Como característica desta estrutura neurótica, a posição do sujeito em predispor num mestre idealizado, a busca pelo outro primordial (pai e mãe) o acesso ao saber que lhe garanti a salvação, a palavra que aponta ao desejo, sempre errático, evitado, menosprezado. A dança, o giro e as paralisções de diversas ordens, clamam pelo simbólico, pela metáfora que na linguagem trazem a função paterna, fazendo barra ao gozo mortífero que mora no sem sentido, num corpo em desamparo.

O púlpito passa a ser o palco da histeria atualmente, pois ali há todos os elementos que competem a estrutura, sendo: a sedução, o enamoramento, a submissão em transferência pelo saber do mestre, a cura, a possessão, o preenchimento fantástico da falta, e a ideia de ser tomada de corpo e alma por um Pai portentoso, amante e salvador da angústia proveniente da aproximação do Outro materno, sufocante e impossível de ser preenchido.

Os dados e exemplos retirados desta pesquisa podem servir como uma lupa capaz de ampliar as minúcias, e estão entre a relação do fiel e a igreja, assim como, a histeria e o mestre. E a partir disto, propor não só uma constatação dos fenômenos históricos, como aparato para a escuta de sujeitos que dentro ou fora da clínica, buscam por algo, e que juntos formam uma comunidade gigantesca, enlaçada pelo sintoma, que ultrapassa seu núcleo e expande na cultura.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Silvia Leonor; FUKS, Mario Pablo. **Histeria**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

ALBUQUERQUE, Hortência Cruz de. **O significado do consumo de moda-vestuário gospel para mulheres pentecostais**. 2016. 143 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

ALMEIDA, Flávio Aparecido de. **Ciências das religiões: uma análise transdisciplinar**. Guarujá: Científica Digital, 2021.

ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAGÃO, Heloísa Helena Ramirez. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental**, v. 2, n. 3, p. 89-105, 2004.

ARAGÃO, Jô. **Como fui batizada no Espírito Santo e em línguas estranhas**. Testemunho: eu escutava as línguas. Youtube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/pF-Kwv4mAtY>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO BELÉM. **Estatuto da Igreja Assembleia de Deus, Ministério Belém**. Votoporanga: Assembleia de Deus Ministério Belém, 2012.

AUGUSTINE. Direção de Alice Winocour. Roteiro: Alice Winocour. França: Dharamsala, 2012. Color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h0irMvfbNn8>. Acesso em: 10 abr. 2023.

AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião – Cristãos são 86,6% do Brasil**; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. Veja, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-caticos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BÍBLIA ONLINE. **1 Pedro, 3:3**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1pe/3>. Acesso em: 04 abr. 2023.

_____. **1 Timóteo, 2:9,10**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1tm/2/9,10>. Acesso em: 04 abr. 2023.

_____. **Atos 20:28**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?q=atos+20%3A28>. Acesso em: 04 abr. 2023.

_____. **Genesis 3-10:15**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>. Acesso em: 04 abr. 2023.

_____. **1 Coríntios 10:21**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/10/21>. Acesso em: 04 abr. 2023.

_____. **Isaías 53:4-5**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/53/4,5>. Acesso em: 04 abr. 2023.

_____. **Atos 1:8**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/1>. Acesso em: 04 abr. 2023.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**, a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

BORGES, Vitor. **Sentimento oceânico**: um estudo da experiência religiosa a partir de Freud e Romain Rolland. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008.

CAPLER, Rodolfo. **Asbury**: o culto evangélico que começou, mas ainda não terminou. Veja, 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/asbury-o-culto-evangelico-que-comecou-mas-ainda-nao-terminou/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CARREIRA, Alessandra. Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 157-171, 2009.

CHARCOT, Jean Martin et al. **Leçons du mardi à la Salpêtrière, professeur Charcot. Polyclinique 1887-1888. Notes de cours de MM. Blin, Charcot et H. Colin... Tome 1. 2e édition, etc.** 1892. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k55646784/f10.item.texteImage>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CLICKPB. Prédios alugados a igrejas e lojas maçônicas serão isentos de impostos. 2015. Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/politica/predios-alugados-igrejas-e-lojas-maconicas-serao-isentos-de-impostos-199307.html/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

COUTINHO, Jorge. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2**: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre Eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, p. 143–149, 2002.

Culto Online. **Foto de capa**. 25 set. 2022. Facebook: Culto online ccb. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=183131334281250&set=a.183131330947917>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CCB Mensagens. **Eis que multidão mui grande!**. 11 jun. 2016. Facebook: CCB Mensagens. Disponível em: <https://www.facebook.com/ccbmensagens/photos/a.126115454167365/897481477030755/?pipv=0&eav=AfZwB21V6Otzg7619ERJM0K5FuZPU8XqIqgZ75fVbr7WrzShDIIB9a7TBJyhM8XMm0&rdr>. Acesso em: 21 abr. 2023.

DIDI-HUBERMAN, George. **Invention of Hysteria**. Charcot and the photographic iconography of the Salpêtrière. London: The MIT Press, 1982.

DIEMAR, Michael. **La Salpêtrière**: Fact, fiction and speculation about Blanch Wittmann. *The Classic Photomagazine*, 2021. Disponível em: <https://theclassicphotomag.com/la-salpetriere-fact-fiction-and-speculation-about-blanche-wittmann/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

DONALDSON, Liam; CAVANAGH, Julie; RANKIN, J. The Dancing Plague: a public health conundrum. **Public Health**, Londres, v. 111, n. 4, p. 201-204, 1997.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan**: O inconsciente estruturado como uma linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1985.

EDWARD, Jhonatan. **A busca do avivamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

_____. **Avivamento nos dias de Jonathan Edwards: Relevância atual**. 2021. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/ciencias-contabeis/noticias-e-eventos/default-title-1/arquivo-1/n/a/i/avivamento-nos-dias-de-jonathan-edwards-relevancia-atual>. Acesso em: 20 abr. 2023.

FAJARDO, Mawell. A organização piramidal das Assembleias de Deus na cidade de São Paulo. **Revista Nures**, v. 11, n. 31, 2015.

FEDERECI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo; Boitempo Editorial, 2019.

_____. **O Calibã e a Bruxa**; mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2019.

FERNANDES, Rubem César. Governo das almas. As denominações evangélicas no Grande Rio. In: ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios**: uma interpretação sociológica do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 163-203.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1998.

FLECHA, Renata Dumont. **Freud e a função Paterna**: psicanálise e religião. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2004.

FOLL, Marie. **Histoire de L'hystérie**. 2017. 96 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Université de Bourgogne, L'UFER des Sciences de Santé de Dijon, Paris, 2017.

FRANCO, Marcella. **Meu foco é pregar para todo mundo, diz Vitória Souza, que viralizou com vídeos de parábolas**. Folha de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2023/02/meu-foco-e-pregar-para-todo-mundo-diz-vitoria-souza-que-viralizou-com-videos-de-parabolas.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2023.

FREUD, Sigmund. **Uma neurose demoníaca do século XVII**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O Mal-Estar na Civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Totem E Tabu: Algumas Correspondências Entre a Vida Psíquica Dos Selvagens e a dos Neuróticos**. Porto Alegre: L&M Pocket, 2014.

_____. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Estudo sobre a histeria (1893-1895)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-162.

FROMM, Erich. **Psicanálise e religião**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1962.

GAY, Peter. **Freud: A life for our time**. New Haven: Yale University Press, 1988.

HAVAN. Fale conosco. Disponível em: <https://ri.havan.com.br/relacao-com-a-comunidade/fale-conosco/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Amostra Religião**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 05 jul. 2022.

Internacional Center for Spiritual Renewal. **Azuza History**. 2007. Disponível em: <https://archive.ph/2007.05.11-032252/http://www.icfsr.org/history.html#selection-749.0-749.912>. Acesso em: 21 mar. 2023.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Histeria e sexualidade: Clínica, Estrutura, Epidemias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

JUNIOR, Antônio. **Descubra a verdade sobre a Santa Ceia – Quem pode participar da Ceia do Senhor**. Antônio Junior, 2020. Disponível em: <https://www.pastorantoniojunior.com.br/resposta/descubra-a-verdade-sobre-a-santa-ceia-quem-pode-participar-da-ceia-do-senhor>. Acesso em: 04 abr. 2023.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2015.

KRISTEVA, Julia. **No princípio era o amor**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1958.

_____. **O seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **O seminário; livro 17; o avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

_____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Nomes-do-pai.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **O Mito individual do neurótico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAPALANCHE, Jean; PONTALIS; Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LE FÍGARO. **Le Charivari:** publiant chaque jour un nouveau dessin. 1883. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3071281z/f1.item.r=Jean%20Martin%20Charcot>. Acesso em: 20 mar. 2023.

LEITE, Marcio Peter de Souza. **Diabo Amoroso e Deus Odioso.** São Paulo: Escuta, 1991.

LEITE, Márcio Peter de Souza. **Psicanálise lacaniana, cinco seminários para analistas kleinianos.** São Paulo: Iluminuras, 2010.

LEITE, Sonia. Freud e os desdobramentos da questão histórica na história de Christoph Haizmann. **Revista latino-Americana de psicopatologia fundamental**, São Paulo, v. 22, p. 150-165, 2019.

LOBOSCO, Ricardo Lengruber; GOMES, Silvio Cesar. O Satã, os anjos e o monoteísmo. In: CARNEIRO; Marcelo; GOMES, Silvio. **Manual de Angeologia.** São Paulo: Fonte, 2017, p. 109-154.

LOPES, Leiliane. **Igreja Batista da Lagoinha abre templo dentro do shopping em Betim.** JM Notícia, 2018. Disponível em: <https://jmnoticia.com.br/igreja-batista-da-lagoinha-abre-templo-dentro-de-shopping-em-betim/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

MARCO DL. **IL BALLO DELLA TARANTA:** "Pizzica Salentina" (Festa Patronale S. Giorgio Martire 24/04/1998, Matino). YouTube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FiGQYYaE2XY>. Acesso em: 15 mai. 2023.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2014.

MARTINEZ, Adalir. **A roupa feminina pentecostal:** A influência da doutrina e a aplicação de um gerenciamento de custo. 2015. 173 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, 2015.

MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos; SILVA JUNIOR, Mauricio Cardoso da. A sedução divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, vol. 10, n. 03, set. 2010.

MESSIAS, Adriano. **Todos os monstros da terra – Bestiários do cinema e da literatura.** São Paulo: Educ. Fapesp, 2016.

MEZAN, Renato. **Freud: pensador da cultura**. São Paulo: Blucher, 2019.

MICHAELINS. **EPOS**. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/epos>. Acesso em: 20 mar. 2023.

_____. **Dinheiro**. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/dinheiro/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Ministério A Palavra do dia. **Sobre**. Disponível em: <https://apalavradodia.com.br/#sobre>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MIRANDA, Valtair. A natureza e o papel dos anjos nas cartas paulinas. In: CARNEIRO; Marcelo; GOMES, Silvio. **Manual de Angeologia**. São Paulo: Fonte, 2017, p. 363-398.

MKT Esportivo. **PUMA inaugura sua primeira loja no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.mktesportivo.com/2022/12/puma-inaugura-sua-primeira-loja-no-brasil/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

Mulher Cristã. **“Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje DECENTE, COM PUDOR e MODÉSTIA.” 1º Timóteo 2:9**. 25 jan. 2023. Facebook: Mulher Cristã.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=546413517519961&set=pb.100064539528595.-2207520000>. Acesso em: 21 abr. 2023.

NÁSIO, Juan. **5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PAIVA, Raquel. **Histeria na mídia: a simulação da sexualidade na Era Virtual**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Cullen e a introdução do termo "neurose" na medicina. Revista **Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 13, n. 1, p. 128–134, mar. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/kxKMDwP9xSwqrvgp57YBDBN/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **O inconsciente Teatral - psicanálise e teatro: homologias**. Rio de Janeiro: Atos e divãs, 2021.

RAIO, Alisson. **Batismo com Espírito Santo e impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo**. Atos 19:6. Youtube, 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=AhErf7uvH2k>. Acesso em: 04 abr. 2023.

REAVIVAMENTO da Rua Azusa. Direção de Michael Meyer. Estados Unidos: Daniel Movie, 2006.

REVIVAL MOVIMENT. **Instagram**. Disponível em: https://www.instagram.com/revival_move/. Acesso em: 20 abr. 2023.

ROCHA, Maria da Pena Nunes. **As estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus**. 2006. 151 f. Tese (Doutorado em Mídia e Mediações Sócio-Culturais) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ROCHA, C. **A ascensão e influência das igrejas neopentecostas no Brasil**. Nexo Jornal, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascensao-e-influencia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil>. Acesso em: 05 jul. 2022.

RODRIGUES, Marcel Henrique; GROppo, Luiz Antonio. O contexto científico na formação da psicanálise e a figura de Sigmund Freud perante a religião. **Cognitio-Estudios: revista eletrônica de filosofia**, v. 10, n. 2, p. 247-258, 2013.

ROLIM, Francisco Cartaxo. O que é pentecostalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SAMPAIO, Gabi. **Lagoinha Culto 29-08-2: Gabi Sampaio (1 Hora De Adoração)**. Youtube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C0ZujKD922w&t=193s>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SANTOS, João. **Performance, corpo e inconsciente**. 2015. 318 f. Tese (Doutorado em Pintura) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Lisboa, 2017.

SAFATLE, Vladimir et al. **Patologias do Social: Arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfred. **Imagem - cognição, semiótica e mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SARMENTO, Fátima. Édipo, Histeria e Neurose sem Édipo. **Lapsus**, Salvador, v. 22, 2020. Disponível em: <https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus/2020/11/30/edipo-histeria-e-neurose-sem-edipo/>. Acesso em: 12 de abr. 2023.

SOUZA, Vitória. **Deus viu valor em você!**. Youtube, 2023. Disponível em: https://youtube.com/shorts/a_z6o4BxZ3A?feature=share. Acesso em: 04 abr. 2023.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?: um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira**. Viçosa: Ultimato, 2004.

SONIC CAST. **Três demônios mantinham relação sexual comigo**: Virgínia Arruda. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HuqTaA-uhaE>. Acesso em: 20 abr. 2023.

TEIXEIRA, Faustino. **Catolicismo no Brasil em Declínio**: os dados do Censo de 2010. Instituto Humanitas Unisinos, 2013. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511028-catolicismo-no-brasil-em-declinio-os-dados-do-censo-de-2010>. Acesso em: 12 de abr. 2023.

TERRA, Kenner. “Sai demônio!”: O Faca-Fria em Qumran e no Evangelho de Marcos. In: CARNEIRO; Marcelo; GOMES, Silvio. **Manual de Angeologia**. São Paulo: Fonte, 2017, p. 273-312.

VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de Demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

VALLE, Rogério; SARTI, Ingrid. “Introdução”. In: ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 7-13.

VERGARA, Elias. **Fora do Jardim! Uma leitura psicanalítica de gênesis 3**. 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

VÍCTORA, Lígia Gomes. Corpo real, corpo simbólico, corpo imaginário. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 49, 2016.

WALLER, Jhon. The art of medicine A forgotten plague: making sense of dancing mania. **The Lancet**, v. 373, n. 9664, p. 624-625, 2009.